A HOSTIA DE OIRO

POEMA HEROI-COMICO

POR

J. SIMÕES DIAS

ELVAS
EDITOR—MANOEL D'ARAUJO E SILVA

Typographia da Democracia Pacifica
1869

OBRAS DE J. SIMÕES DIAS

III

A HOSTIA DE OIRO

(POESIA HEROI-COMICA)

A HOSTIA DE OIRO

POEMA HEROI-COMICO

POR

J. SIMÕES DIAS

ELVAS
Editor—M. d'Araujo e Silva

TYPOGRAPHIA DA DEMOCRACIA PACIFICA
1869

INTRODUCÇÃO

Musa de Homero, ó virgem requestada
Pelos de Apollo numerosos filhos,
De nossos paes enlevo e de seu culto
Benigna padroeira, onde teus numes
Avarentos deixaste? Adverso o rosto,
Que fados de volvel-o a nós te vedam?
Do teu altar a lampada se extingue!
O templo está deserto! O sacrificio
Em vão espera o sacerdote! Mudas
Jazem as lyras pelo chão dispersas!
De porphydo as columnas derrocadas
Deram em terra com as vastas moles

Da estrellada architrave, d'aureos tectos!
Onde teu culto jaz? Onde tuas aras?
Musa de Homero, és morta!

Em vão lamento
Tua morte cruel, tua ida gloria!
Em vão de inferias ponho aos vingadores
Manes meus tristes cantos! Que milagre
De amante Orpheu ao mundo rediviva
Tua imagem trará, se és morta, Eurydice?

Os pharizeus do bello, inclitos Panças,
Viram-te linda dormitando á sesta
Nos pampanos de Smyrna e n'esse instante
Quaes satyros lanzudos, á tua face
Em vez de beijos aventaram lama!
Velava-te os contornos alva tunica
Mais alva do que o leite de Amaltêa;
Beijos de amor a brisa lá da Ionia
Vinha pousarte na dormente face,
E tu quão bella, quão gentil não eras!
Em torno a ti juntaram-se, e sorteando
De tuas vestes virginaes o espolio,
Fizeram como á tunica de Christo.

Os impios de Israel! Teu niveo seio,
De graças throno e de amores ninho,
Espostejaram, dando-o alfim aos ventos!
Dest'arte escarneceram (sacrilegio!)
Da Musa antiga os vates de agua doce!

De rosto macerado, a escorrer sangue,
De terra em terra andaste peregrina,
Sem coito, nem piedade! Tantos males,
Males de nós communs em vão pranteamos
No queixoso arrabil. Teus olhos vivos
Tambem choraram, quando a ardente Sapho
Precípite de Leucate se immerge
Na onda effervescente. Em crepes toda,
Em volta dos castellos ruinados
Da formosa Cleopatra, sentidas
Jalemias soltaste ao luar da Grecia;
Pranto inutil! A sombra de Hypathia,
De Dyotima o phantasma aos teus lamentos
De horror fugiram maldizendo os fados!
Teu peplo d'oiro, e de ostro assirio tincto,
De negro o retingiste, quando a Grecia
Do barbaro Latino ás mãos ruía
Nos vortices do Tybre! Errante mumia,

Mesta assististe aos lugubres responsos
Dos filhos de Hellade!

Nevada pomba,
Que taes e tantos casos memorandos
Passaste em vida tua, ergue-te sombra,
Espectro formosissimo, e piedosos
Distende os grandes olhos para os poetas
Que sem ti nada são, crendo-se tudo!
Faz que os meus versos melodiem canticos
Em som mais doce que o tinir da libra!

Dá-me um novo prazer que eu não sentisse;
Sou eu, moderno Xerxes, que t'o imploro
Á sombra posto do meu nada inglorio!
Em ti meus olhos ponho e em ti me fio,
Pois teus dons feracissimos no mundo
Quem numeral-os póde? Aos Lovelaces
Descorados de fome, hirtas melenas
Compridas, ao desdem arrepiadas,
Quem lhes encurta do azedume os trances
E vezes mil os salva do suicidio?
Quem ás amantes amoroso arrufo,
—Matreiro laço de prender amores,

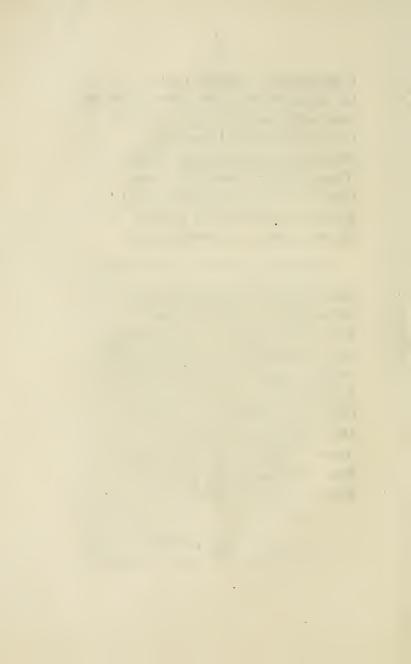
Inspira e vulto dá? Musa travessa,
O mundo «este edificio que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga»
Casarão espaçoso aos ventos posto,
Onde á noite se aninha o crocodilo
Com a panthera em contubernio indigno,
Em brados por teu latego reclama,
Justiceira Deidade! Sus! entremos;
Da dextra alçada o azorrague penda;
A esquerda as trevas removendo espanque;
Sangue espadane; em catadupas golphem
De rotos craneos turgidos miolos!
Penetremos... Mas eu, misero vate
Que ás lôas amorosas ando affeito
Quasi do berço, e sempre te hei seguido,
Eneas de olhos postos na sibylla,
Por onde principiar a burindanga,
Crua guerra, sem tregua, de motejos,
Se presto me não dás o tom e a clave?

Começarei, solfeando, em pregão alto
De Astreia o reino proximo anhelado?
N'estes annos prosaicos! Evangelhos...
Quem ha-de hoje escrevel-os, quando o seculo

Não tem mais que um apostolo—o dinheiro!
Hei-de cantal-os eu? Ah! se eu tivera,
Como o D. Juan qualquer formosa Julia,
Já não de Boabdil, mas portugueza
Que á portugueza me franqueasse affectos,
Como alegre e brincão meu estro ás soltas
Avoejaria pelos ceus da fama!

Á mingua, pois, de amores, relanceemos
Para as bandas do céu os olhos humidos,
Talvez da altura a inspiração descenda!
As estrellas do céu dão largo assumpto
A quem da nostalgia as penas soffre:
Aviventam saudades e á memoria
Trazem o brando olhar d'uns olhos lindos
E de uns olhos, bem sei, forma-se um poema!
E a lua? Quem a viu por noite estiva,
Qual sultana do banho alevantando-se,
Erguer-se da cumiada e vagarosa
Ir-se rolando na cerulea abobada?
Que doidice de amor, cantos aereos,
Vago e febril scismar de moura triste,
Indefinidos poemas de harmonia
Não tem ella inspirado a tantos bardos?

Ó de meus males avarenta copa
Que não transbordas nunca, bem que males
Sobre outros males me depare a sorte!
Ó tonel das Danaidas! Nem da lua,
Nem luz de estrella meu olhar alcança
N'esses páramos tristes! Tudo escuro
Como de um feretro as baetas negras!
Em vão inspirações buscar pretendo
No ceu, na lua, n'uma estrella amiga!

Musa de Homero, do sepulchro surge
Da evocação ás vozes cabalisticas!
Tua sombra inda agora o mundo espanta,
Surge e confunde-o!... Evocação inutil!
Baldado empenho o meu! Eterno dorme,
E deixa a nau por mim. Estas cruzetas
Que levo de reforço hão de valer-me.
Muito lenho surcou esteiro ignoto
Antes da agulha de marear; meu norte
Seja o acaso; vou cantar sem musa;
Fazer-me á vela sem levar piloto.

CANTO PRIMEIRO

CANTO PRIMEIRO

I

Em metro sublimado erguer pretendo
Monumento que os seculos affronte
E as gerações de respeitosas curve!
Pyramide mais alta, do que o tumulo
Que ás edades do Egypto aponta Cléops,
Em meus versos levanto em honra ao inclito
Varão que de Paulino Segisberto
Glorioso o nome tem. O caso feio
De seus tristes amores malogrados,
Sua veia de poeta e o vicio torpe
Da avareza, seu idolo e seu culto,
Seus feitos ignorados e da morte
Seu lacrimoso trance, em verso altiloquo
Da fama ás trompas sonorosas mando.

II

Ó filhos da harmonia, ó velocipedes
Gamenhos do Parnaso, que andaes ledo
Por entre os loureiraes, despercebidos,
Soffreae vosso alasão, soffreae o Pegaso;
Que de pau sancto em cythara dedilho
Um carme digno de apollineo vate!

III

A noite vae em meio; a chuva grossa
A cantaros despeja-se; medonho
Das torres nas ventanas sibillando
Ulula o temporal, e nos telhados
O martelar da saraivada urrando
Semelha de Demonios um tripudio!
As altas comas da floresta ao longe
De accurvadas rastejam na planicie!
É plumbeo o ceu e noite escura a terra,
Caliginoso cahos, Babilonia
De lamentos, de gritos... quadro horrendo!

IV

Ali ao pé da casa ennegrecida
Que Segisberto habita, e, fama corre,
Que de um conego fôra residencia
Nos dias da abastança religiosa,
É vêr da Omnipotencia a força e o impeto!
Da rua as pedras levantadas ruem
Aluidas da chuva; irado vento
As impelle a distancia e a terra escarva;
Indomita devasta e ruge e impera
Com taurino estampido! Novo Encelado
Os hombros põe á obra e revolvendo
Grandes moles, ao ar as lança e rapido
Boquiaberto, profundo, temeroso,
Escancarado um largo abysmo deixa!
Não vos anime temerario ousío,
Incautos transeuntes: vôa o raio
Veloz, e a cauda ignea presto apaga!
Das goteiras açudes altos cáem!
Catadupas no abysmo se debruçam!
Não vos illuda a cerração da noite!

V

Que vulto além assoma? Acaso Ahsvero
Que a fatidica voz eterno impelle?
Lamia que vaga e seu fadario cumpre
Sanguisedenta procurando um berço,
Onde somno infantil creança dorme?
Lobishomem talvez? Alma penada
Do proprio inferno por seu damno expulsa?
Incauto, por que avanças?
Perto o abysmo
E de si tão seguro! O rijo vento
Do enorme chapeirão lhe açoita as abas!
Dá-lhe d'um lado em cheio, o outro engelha;
Achata-se n'um ai, n'um ai se enfuna,
E como a grimpa de mosqueada torre,
Tal se meneia no torreão da nuca!
Em vão os braços presto ao ceu levanta:
Era já tarde a prece! O atro abysmo
A boquiaberta fauce lhe apresenta!
Chispa fulgente o raio... e a calva immensa
Pelas trevas reluz, como as ossadas
De ingente masthodonte em furna lobrega!
«Maldicto norte» exclama, e n'esse instante
Bem como um az de paus que o vento agita,

Dá trez voltas no ar, e já perdido
Das pernas o equilibrio, oh ceus! descamba
Com ingente fragor no fundo vortice!

VI

Quem te pintára, Lovelace incognito,
Supplice, de mãos postas, rogougando
Dos naufragos a prece lastimosa!
Ó tu sombria noite, que lhe ouviste
O som cavo do peito e dos profanos
Mortaes olhos salvaste o triste quadro,
Perdoa-me, se ao mundo os teus segredos
Imprudente confio. Oh! quantas vezes
No alagado marnel uivaram gritos,
Como de lobo em pinheiral deserto!
Tres vezes quiz erguer-se o infortunado
Ao ceu mandando a súpplica fervente,
Mas como a Dido, ao já não vêr o Eneas,
Tres vezes sobre si turvado rue!

VII

Então, caso estupendo! Segisberto
(Que outro não era o nosso heroe noctivago)

Do fundo peito imprecações arranca
Maldizendo as posturas camararias,
O senado e o governo, que taes casos
N'um artigo de lei não preveniram.
Já blasfema de Deus, já mil queixumes
Contra si volta, porque á mente avessa
Lhe não veio que o zelo camarario
Na reforma das ruas se applicava
N'esses dias sollicito. Raivando
Maldiz o presidente e o municipio,
E já medita, quando fôr a epocha
Das eleições votar contra os amigos
Da limpeza, do aceio e encanamento
Que das cidades ora cruza as ruas!
Paulino Segisberto não soffria
De bom grado que junto de sua porta,
Sem licença pedir, um vil senado
Mandasse ali rasgar tão funda vala,
D'aguas deposito e dos ventos furna!
Mas o perigo certo vãs idéas
Lhe affugenta e remedio prompto exige.
Aqui é que era vel-o! Mal sustido
Nos tremulos joelhos, reverente,
Qual ante o Nazareno S. Francisco,
D'est'arte implora a divinal piedade:

«Se eu d'esta me vir salvo (e os olhos volve
Piedosos ao ceu quando isto disse)
Descalço irei, da noite ás horas mortas,
Com meu candil na mão ao vosso templo
Alumiar o altar, graças mil dar-vos.
Tres dias e tres noites jejuando
A pão e agua, meu Deus, em honra vossa
Penitencia farei; e quando findos
Forem os dias do meu voto, ainda
Pelos pobres mais pobres do meu bairro
Destribuirei um pinto...»
Ao dizer pinto
Ficou-lhe a voz suspensa, como quando
Embirrativa espinha se atravessa
Na pharinge engulhosa. Que seria?

VIII

O ceu ouviu a prece. Oh raro exemplo
De amor celestial, paterno, santo!
Mal sustido nas pernas, Segisberto
Não sem difficuldade e custo grande
A soerguer-se começa, e força e animo
A crescer-lhe no intimo de sorte
Que de um milagre bem se vê o effeito;

Quando um novo prodigio bem visivel
O primeiro confirma e o certifica!
Ergue-se em pé o Segisberto e logo
Brando cicío de uma voz meliflua
D'ali perto murmura! Acaso um hymno
Que o milagre celebra? Anjo? Sereia
D'aquelle procelloso e immundo oceano?
Era o cantar do galo? Oh que harmonia
Cadente se escoava pela fresta
D'um vesinho postigo! Assim a Alcyon
Ao passar da tormenta alegre enthoa
O cantico da paz nas mansas aguas.
Era o canto mavioso da Penelope
Já perto pressentindo o anciado Ulisses?

«Meu amor anda nas ondas
Deus o traga a salvamento;
Que eu não sei se vida ou morte
Me adivinha o pensamento.»

IX

Calou-se a voz um pouco. Immovel, hirto,
Em extasis, Paulino arrebatado

Ao céu se julga, e já de si não cura!
Agora se approxima donde as notas
De tão estranho canto vem saindo;
Agora o ouvido applica e a voz lhe torna
Com mais vivo requebro, mais vehemencia:

«Meu amor, se estás perdido
Só por gostar de meus cantos,
Mais perdidinha ando eu
Só por lograr teus encantos.»

Quem póde resistir? Que bronca penha
Ha hi que á vara de Moysés não ceda?

«Mulher, se és anjo ou fada (o calvo exclama
Fóra de si, em desatino, em ancias)
Ou coisa ainda acima, d'estes mares
Procellosos me salva, ó meu santelmo!
Luz que eu não vejo, accende-te a meus olhos!
Rola que gemes, teu suspiro anceado
Me leve aonde anceio! Esse teu canto,
Bem conheço, é por mim, que ando perdido

Em procura de ti! Meu anjo escuta-me...»
Quizera dizer mais, porém de novo
De dentro a voz principiou cantando:

«Eu digo, como a engeitada
Ao pé do rio corrente:
Sou filha das tristes hervas,
Não tenho nenhum parente!»

«Não tens nenhum parente!... Ó filha espera,
Que nem todos os braços se fecharam
Para os pobres de amor. Olhos tão lindos
Nunca são infelizes; teu amante
Para agradar-te, filha, para um dia
Te beijar, te querer, cantar-te em verso,
Sou eu, Mathilde...»
A voz o interrompera:

«O peixe vive nas aguas,
Vive a rosa entre os abrolhos,
Só eu não vivo um instante
Longe da luz dos teus olhos.»

«E eu não estou aqui? Se tu me ouvisses
Fôra mais doce o teu cantar magoado!
Mas tu que queres? Este vento indigno
Meus suspiros abafa! Se eu podesse...!
Eu tambem vivo só e canto ás vezes
Na minha solidão tristes saudades!
Vê se eu mereço ou não tua piedade!»

«Todos dizem que me ria,
E Deus bem sabe se eu posso:
A alegria d'este mundo
É um bem que não é nosso.»

«Não cantes mais, Mathilde, para penas
Bem bastam as que levo. Rola triste,
Quem te obriga a chorar n'essas cantigas?
Quem te disse que tu és só no mundo?
Uns olhos lindos nunca são viuvos!
Se eu não tenho no mundo um throno de oiro,
Onde te possa collocar um dia,
Tenho a lyra de Orpheu para cantar-te,
Um thesoiro de amor, um peito aberto
A receber teu pranto d'amarguras!

Olha que eu não sei bem se as minhas falas
Levam mais pranto, do que os teus cantares...
Volve o teu rosto de piedade, ó virgem,
E nos meus olhos, teus olhares prega;
Talvez que as alegrias d'este mundo
Revivam para ti, meu anjo amado!»

«Valha-me a Virgem Maria
Que é ella minha protectora,
Ella sim, que a gente anima
Cada vez que a gente chora.»

«O amor celeste á virgem não contesto;
Maior, porém, do que este que a ti sagro,
Nem céu nem terra o tem; juro, Mathilde.»

«Cada vez que a tua fala
Faz echo nos meus ouvidos,
De sobresalto e de gosto
Caio no chão sem sentidos.»

«Pois é verdade, quanto estou ouvindo?
Ai Mathilde, Mathilde! Ó céus, valei-me
Que eu desfalleço de tamanho goso...
Repete essa cantiga, quero ouvil-a
Mais uma vez da tua boca linda!»

X

E n'isto pondo em alvo os olhos humidos,
Todo ageitando-se, encolhendo os hombros,
O pescosso distende e vae mettendo
O nariz ponteagudo e a calva e um braço
Pela apertada fresta do postigo...
Ella, a visinha, continuou de dentro:

«As saudades da minha alma
Quando em ti penso e medito,
São tantas como as estrellas
Que andam no céu infinito!»

«Mathilde, mas agora eis-me em pessoa:
Apaga-as todas; este anceio apaga
Nos macios frouxeis do seio tumido;

Vês este rosto?...»

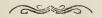
Subito a pequena
Mathilde, a linda flor das cosinheiras,
A quem tal voz de sobresalto apanha,
Grita, estremece sem saber se é sonho
Se visão, realidade! Como a abelha
Perseguida do zangão, toda colera
Ergue-se em pé, (entenda-se que a Circe
Cantava acocorada entre as panellas)
Trepida acorre á fresta, e d'entre as sombras
Devisa, oh caso horrendo! uma cabeça
Que de branca reluz; e pasma e treme!
Quer chamar pela Virgem, mas não ousa,
Quer fugir mas não póde; uma caveira
Parece posta ali por mão incognita.

«Não te assustes, Mathilde, a taes deshoras
Quem, se não eu, podia...»

Um grito agudo
De dentro lhe responde e sem mais tir-te
A adufa do postigo deu de chapa
Na cara do D. Juan, que já sonhava

C'os lindos seios, c'o a dispersa trança,
C'os olhos boliçosos, desinquietos
Da sua Haydea, Andromacha chorosa!

XI

Desengano fatal! A vida é o fumo
Azulado que sobe da montanha
E se evapora, se desfaz no espaço!
Ó lagrimas amargas! (Segisberto,
Não me envergonho de o dizer, chorava!)
Quem já vos mereceu e ao certo sabe
Vosso valor qual é? Raça d'ingratas,
Se um crime d'estes tem perdão lá em cima,
Deus perdoe ás mulheres.
Entretanto
Segisberto de raiva ao chão se atira,
A terra morde e o vendaval ameaça!

CANTO SEGUNDO

CANTO SEGUNDO

I

Salvar do esquecimento, ó gratos posteros,
O que passado foi desque Paulino
Deu accôrdo de si; dizer o como
A razão lhe tornou, e sobre posse
A casa os passos dirigiu pausados
Alta manhã, e quantos os rebates
Á mente de vingar-se lhe vieram,
Assumpto é este que mal cabe em verso!
Deixando, pois, no olvido as scenas varias
Do melodrama d'essa noite infausta,
Tomemos a dianteira ao heroe que entra
Portal a dentro de sua casa. Attentos
Ponde-lhe os olhos no avincado rosto;
Que sombra de tristeza lh'o annuvia!

Que expressão dolorida em seu aspecto!
Parece um exhumado. Os passos tremulos,
Desvairado o olhar, murmurio tenue
Sussurrando nos labios entre-abertos,
Tempestade moral bem claro accusam!
Cobre-lhe o grande thorax offegante,
Um velho balandrau: amplo capote,
Que felpuda samarra tem por gola
E a verde-gaio a dubia cor attira,
Da cabeça lhe vem e aos pés lhe desce.
Mas nem um fio enxuto! Dil-o-hieis
Uma estatua de sal a derreter-se,
Ou cumprido chorão que a geada accurva,
E faz que esteja destilando orvalho.
O beiço agudo, e aos cantos retrahido,
O olhar fascinador, nariz adunco,
E outras mais partes que Paulino adornam,
É que de avaro são indicio certo.
Suspendei-lhe do tronco um bojo arqueado,
Equilibrae-o sobre dois trambolhos
Igualmente roliços: ao pescoço
Atae-lhe, em volta, larga cachaceira
Sobreposta em rofegos vermelhuços:
Sumide-lhe nos dentes rarefeitos
Palavras dôces, quaes dizel-as sabe

Cigano esperto, trovador matreiro:
Arredondae-lhe um pouco mais o ventre:
Dae-lhe nas pernas, de Hottentote uns longes
E aos pés, de um ferro de gomar a forma:
Estendei-lhe por cima o firmamento
D'uma calva espaçosa: dae-lhe ao todo
Mais uns contornos de Cagost e ao cabo
D'um vil bilhostre tereis feito um homem
Com jus á gloria de cantar-se em verso!

II

Deixae passar agora. Fundo leva
Rijo farpão de amor cravado n'alma!
Respeitae-o na dôr. Atraz já deixa
Portal e pateo e escada e corredores:
Já pela sala principal avança
Hirto e pausado como espectro errante:
Largo regueiro d'agua após si deixa,
E tiritando nem sequer murmura
O mais leve queixume! Em frente um vulto
D'uma porta lhe sáe e pára e pasma:
Medem-se de alto a baixo, como quando
Na liça dois athletas se contemplam
Mirando-se um ao outro. Assim outr'ora

O valente Scipião encara Annibal
Antes que a voz trocassem. Eis que ao pasmo
Succede alfim o animo tranquillo.
Desfranze o vulto o sobrecenho torvo,
E se aproxima confiado, e fala,
E com maguada voz pergunta e indaga
Do triste estado de Paulino a causa.
Já se dóe, se lastima e aos olhos leva
O lenço que do bolço arrancou prestes;
Já torna a perguntar, que dura causa
A Segisberto de tal sorte damna;
E no disvelo tal piedade mostra
E tem o cão nos olhos tal denguice
E no gesto e na voz e nas maneiras
E n'esse geito de menear o corpo
Em requebros, zumbaias e tregeitos
Taes manhas mostra, tal engenho e arte,
Que a gente fica desconfiando d'elle!
Então Paulino erguendo aos ceus a dextra,
Comprimiu um soluço, e ávante surge
Em quanto o vulto desparece ao fundo.

III

Deserta a scena jaz; emtanto ao longe

No corredor sombrio vão morrendo
Os sons de flebil queixa. O tom maguado,
De Segisberto a voz, claro, annuncia;
A brisa da manhã de todo a leva.
D'ahi a um tudo-nada eis que apparece
De novo em scena o zombeteiro vulto.
Vem-lhe brincando nos vermelhos beiços
O mesmo riso malicioso! É elle,
O maltrapido moço que ainda ha pouco
Reverente saudou Paulino, entrando.
Percorre a sala e os olhos fulminantes
Atira em ar de quem prescruta e espreita;
Depois travando ali de uma cadeira,
Sobre ella se repimpa e a voz desata.
Gelava o sangue só de ouvil-o e vel-o!

«Vae teu caminho doloroso; rasga
Bem fundo os pés nas urzes que te alastra
O teu oiro maldicto! Mal tu sabes
Que um orfão, que não tem patria nem Christo,
Nem logra céu na terra, porque é pobre,
E sobre pobre sem o amor e o arrimo
Que tem o filho do carrasco; ó sombra
Vergonha da creação, homem no aspecto,
E Lucifer nas intimas entranhas

Se taes em ti existem—mal tu sabes
Que um triste valdevino de ti zomba!
Quizera lamentar-te, mas o orgulho
D'este que é teu escravo, e a quem tu chamas
O teu Jau, o teu Lampo e o teu Esopo,
Como se acaso foras qualquer Fedro,
Camões, ou Kant, se bem que ás vezes digas
Que a taes varões em alto ingenho excedes;
Este orgulho de pobre não permitte
Que ás tuas solas vá caír meu pranto!
Mas tenho dó de ti, homem de bronze,
Por te vêr n'esse estado miserando
Que as proprias pedras chorariam. Hoje
Que mal te fiz, soberbo, porque entrasses
De sobrecenho pelas portas dentro
Sem teres para mim uma palavra,
Siquer um gesto? Acaso te pesavam
Na consciencia as lagrimas das victimas
Que sacrificas ante o altar de Pluto?
Tu não sabes, Paulino, que o dinheiro
Só te elevanta para soterrar-te
No inferno dos cuidados? Miseravel!
Hei de a ti sugeitar-me, hei de meus braços
Cruzar, quando um insulto teu me affronte?
Oh! dinheiro, dinheiro! Se algum dia

Propicia estrella me sorrir fagueira,
De Bonifacio resarão as chronicas!»

Aqui ouviu-se um strupiar ao longe,
E a voz de Segisberto conclamando
Gravemente roufenha. E com effeito
Por Bonifacio Segisberto brada.

IV

Já se esperta o brazido e o lume acceso
Avermelhado e azul tenue se agita
Ondulando no ar. O Bonifacio,
Mau grado seu, põe achas na fogueira,
E sopra e sua e nova lenha busca
E volta e se afadiga até que a flamula
De immenso brilho toda a casa innunda.
Em todo o tempo o lume faz gazalho
(N'isto concordam velhos portuguezes)
Mas quando o frio inverno carrancudo
Nos entra pela fresta e vem sentar-se
Comnosco junto ao lar, oh! não vos conto
Os feitiços que encerra uma fogueira
A crepitar alegre, como a virgem
Que está cantando e respondendo ao grilos
Que trinam á lareira. Rubicunda,

Aurora rosicler, como enfeitiça
A mostrar-nos a face mais vermelha,
A provocar-nos com seus beijos tepidos,
A fazer-se mais quente, se bolimos,
A retirar-se mais, se recuamos
De seu halito morno! Oh que formosa
De uma fogueira a côr, e o olhar e os raios!
Ao pé de ti que val a formosura
Do sol abrasador, aristocratico?
Eu quero pôr as mãos trémulas, frias,
Sobre as já mornas lages da lareira
E pelas veias presentir manando
A suave quentura, o quente beijo
Que enebria, endoidece, mal se sente!
Eu quero ali, á noite, reclinado
Sobre macias moitas de carqueja
C'os pés n'uma cortiça, e as mãos nos joelhos
Bem tranquillo escutar a negra historia
De mouras encantadas, e das bruxas
Que vem roubar de noite o pequenino
Dormente no seu berço, e lá o trazem
De braço em braço por ignotos mares
Até que o dia rompa. Eu não conheço
No mundo outra ventura mais gostosa,
Mais doces mimos, que melhor me saibam!

V

Já Bonifacio ao fim levára o empenho,
E da fogueira as linguas se alteavam
Lambendo a chaminé, quando Paulino
Mal esquecido da passada affronta,
Pois em si vê o miserando effeito,
Tiritando de frio, e mal enxuto
O balandrau cumprido, hirto e gelado
Vem sentar-se n'um banco de cortiça
No sitio mais a geito e mais escuso
Que na cozinha havia. Ali gostoso
Sentia repassar-lhe o corpo todo
Aquella doce e tepida bafagem
Do morno lar. Mas que tristeza a sua!
Eram de amor saudades, ou desgostos
Da aventura nocturna? Não boliam
Seus olhos fixos sem saber aonde.
Entre as mãos a cabeça e os cotuvelos
Fincados sobre as pernas, davam-lhe ares
De divindade egipcia. Que profundos
Não deviam de ser os pensamentos
Que lhe andavam na mente revoando!
E não soltava um ai, uma palavra!
Concentrára-se ali toda a agonia

De quem se vê no mundo sem esperança
De alguma vez unir ao seio tremulo
Mulher que em vão se adora! Segisberto
Tinha a candura da creança nescia,
Quando á noite se deita embevecida
N'um scismar vago, sonho de innocente,
No collo de sua mãe. O lindo buço,
Doce primicia d'uma edade amarga,
Não se lhe via sombrear os labios,
Mas era um rosto de anjo!... (Meus leitores,
Soffreae a gargalhada!) Era a creança
Que ao despontar do berço não encontra
Maternos peitos, onde o leite beba.
As faces, n'outro tempo rubicundas,
Agora, nem eu sei, são como a cidra!
O palido reflexo do brazido
N'ellas lhe dava em cheio, descoradas,
Como os raios de sol em branca opala!
E que opala tão branca a lisa calva!

Mimoso lirio, quem te abriu tão cedo
Que mão profana te arrancou da haste?
Mas tu não falas! Que scismar tão fundo
Em perennal arroubo te transporta
A regiões do vulgo, mal sabidas?

VI

Cem pensamentos versa n'alma, e em onda
Revolta sente o cerebro enrolar-se-lhe
Paulino; emquanto além lhe aguarda um gesto
Seu respeitoso servo, em pé. Dil-o-hieis
Antigo bucellario ante um monarcha
Soletrando-lhe n'alma o hieroglifico
D'algum occulto amor. Alfim, rompendo
Silencio e cortesia, se aproxima
Accurvado, e no chão olhar humilde:

«Meu senhor desculpae-me, se indiscreta
Minha voz soltar ouso; é bem sabido
Quanta amisade a vós, senhor, me liga!
A força do dever grande me impelle
A tomar como proprias taes angustias
Como essas que vos vão calando n'alma.
Nas grandes provações da vida humana
É que do amigo a fé se prova e apura.
Essa meditação, esse silencio,
O modo como entrastes, quando eu ia
Esta manhã prestar-vos meus respeitos,
Tudo me presagia que algum lance
Imprevisto e fatal vos assoberba.

Ora deveis saber que mais amigo
Mais fiel do que eu sou (os céus me escutem!)
Outro não achareis, ainda quando
Pregão lançardes pelo mundo inteiro.
Tenho vinte annos hoje, mas á edade
Se antecipou o tino. Tantas vidas,
Quantos os annos, tenho, em mal, provado.
Orphão de pae e mãe, orphão de tudo,
Senti a sede e a fome e a calma e o frio
E ninguem poz em mim olhos doridos!
Quiz vingar-me estudando, e noite e dia
Livros que alguem me dava, devorei-os
N'aquella ancia de saber. Ao cabo
Roto e faminto, sem amor, nem patria,
Filho do crime de meus paes, se é crime
O amor que as bençãos d'um altar engeitam,
Sem protecção e a morte crúa em frente,
Que fazer? Onde pão, gasalho e tecto
Iria procurar, sem que nas faces
Logo me não batessem rijo as portas?
Emfim, eis-me um escravo dos caprichos...
Perdão, senhor! as dores me allucinam...
Sou vosso servo e vós sois meu amigo,
Que mais direi? meu pae. É, pois, verdade
Que n'essa larga eschola de infortunios

Conheci por meu mal, se penas doem,
E se aos doridos devo ou não junctar-me!
Quando ás vezes, senhor, dizeis mofando:
Que eu sou o vosso Lampo, e sorridente,
—Vem cá meu triste Jau, que *bona-façere*
Quer dizer Bonifacio, em lingua patria—
Mal vós pensaes que largos beneficios
Eu vos fizera, se podesse o braço
Quanto a vontade e a mente me sugerem!
Se alguma grande dor vossa alma opprime
Nos meus olhos tambem ha muitas lagrimas
Para chorar comvosco. Menos peza
A cruz, quando em dois hombros se descança;
Contae, meu bom senhor...»

Estas palavras
Com tal gesto as dizia e taes olhares,
Que Paulino indeciso e commovido
O supercilio desfranzindo, accode:

«Conheço que és amigo, mas ao cabo
De teu longo discurso em vão alcanço
A descobrir o que de mim pretendes.»

«Quizera derramar, quanto em mim fosse,
Algum conforto em vosso fundo abysmo.

Talvez valer-vos possa...»

«E quem te disse
Que é fundo o meu abysmo? Quem ousado
Intenta penetrar segredos intimos
Que só direi a Frei Matheus um dia
No tribunal da Santa Penitencia?

—«Perdão, senhor! quizera tão sómente
Que soubesseis (e aqui dobrou-se ao meio)
Que dentro d'este peito muito sangue
Existe e muita vida, e força e animo
Disposto a vos servir, quando quizerdes.
Talvez que um dia possa...»

«Oh! não, não podes!»

Tremeu então o labio a Segisberto,
E como em prado ameno o alegre toiro,
Se lhe accode fatal uma lembrança,
Talvez a da bezerra, deu um urro!

VII

Seguiu-se larga pausa. Emtanto os olhos
De Bonifacio postos em Paulino

Pareciam verter toda a piedade
De que é capaz o mais sensivel peito.
Ia quasc a chorar, quando de chofre
Alevanta Paulino a mão cerrada
E a descarrega sobre um prateleiro
Bradando ao mesmo tempo: «eu sou um tolo!»
D'ali lhe accode logo o fiel domestico
N'um tom de voz que só é dado aos anjos
Em suas harpas feril-o:
«Caso grave,
Problema transcendente é por sem duvida
Esse que a tanto vos obriga!»
«Oh! certo,
Disseste bem, amigo, e de tal monta...»

Cortou-lhe a voz um intimo suspiro
E aos olhos mal enxutos leva o lenço
Que sobre o ventre sopezado guarda.

«A minha dôr é grande! (ao caso volta)
Ha de acabar um dia, mas lá quando
Os vermes do sepulchro anniquilarem
Este demonio, este abutre (e ao peito
Levou cerrado o punho.) Bonifacio,
Minha desgraça conhecer não queiras

Nem já pelos meus fados me perguntes,
Que dos males preteritos a cura
No esquecimento só é que eu a enxergo.»

«Esqueça então»

«É facil de dizer-se,
E prudente conselho ahi descubro,
Mas em verdade, que abastado Cresso
Pode esquecer-se d'um objecto amado,
Verbi gratia, um chapeu?»

«Bem me recordo,
Que já o não trazieis quando ha pouco
Vinheis entrando. Acaso no caminho
Co'a pressa que trazieis e com a chuva...»

«Cinco pintos lá vão por esses ares!»

E n'isto os olhos humidos levanta
Para o ceu tantas vezes invocado.
Bonifacio acudio:

«Senhor meu amo,
O caso é grave, mas ao varão forte
Nunca faltou coragem para a lucta.
Vão-se os aneis, senhor, fiquem os dedos.
Cinco pintos não é perda tamanha,

Que de perdel-os fique alguem perdido.
Matuta e meia ou mil dobrões que fossem,
O preço que montava a quem é rico?
E que riquezas!»
«Alto ahi! mais tento
Na exposição da idéa. Se alguns cobres,
Minguados cobres com meu suor ganhados,
Á gaveta me vem, Deus é que sabe
Quão poucos elles são. Cinco ou seis pintos
Não é coisa que arruine, estou conforme;
Mas ao cabo de uns annos dão de juros
Um capital, que só julgal-o pode
Quem traz a mente e as mãos em coisas d'estas.
Sabes lá, que valor tem cinco pintos
Em horas de afflicção, quando nos entra
Porta dentro a chorar triste viuva
Com seu filhinho ao collo, e de joelhos
Nos pede toda em lagrimas banhada,
Por quantos santos ha, de cinco pintos
A misera quantia?! Se um ou outro
Homem caritativo, em taes apuros,
Não valer á indigencia, então que passe
A ira do Senhor e acabe tudo.
Em quanto a vós, vós sois uns perdularios
Que o proprio Deus castiga, pois em pouco

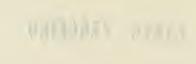
Tendes da economia as leis sagradas.
Olha que não tem céu, não tem inferno
Quem os dons desperdiça, e os bens engeita
Que Deus para si lhe deu: a Deus offende!
Vós sois uns miseraveis, pois decoro
Perdeis e honra e vida e dignidade,
Ao ar lançando os celestiaes presentes.»

VIII

Já ia por diante o bordalengo
Zagunchada semeando aos perdularios,
Quando ao turvado espirito lhe accode
A partida infeliz.
«Ai! foi por ella,
Por essa que inda agora eu amo, e sempre
Ante meus olhos apparece linda,
Como aos raios do sol lucida perola!»

Sorriu-se o Bonifacio e disfarçando
Quanto pôde um sarcasmo, lhe responde
De respeito accurvado:
«Ó meu bom amo,
Muito pode no mundo quem é rico,
Muito padece quem não tem dinheiro!

Um homem que ao pescosso traz pendente,
Em vez de guizos, cordãosinho de oiro,
Castão de prata na bengala cornea,
Lenço de seda em punho e na algibeira
Coisa que vá tinindo, um homem d'estes
Traz no bolço mulheres, quantas queira.
Todos os corações pulsam por elle,
Todas o amam e lhe chamam lindo,
Nunca bateu á porta de donzella
Que a porta logo não cedesse ao impulso.
Homem que tem dinheiro, em si a chave
De abrir os corações traz sempre á vista.
Cantos d'amor que se levantem, quando
Passa na rua, são por elle...»
«Mentes.»
Ruje de chofre Segisberto em furia.
Bonifacio, a tremer, calou-se a ponto.

CANTO TERCEIRO

CANTO TERCEIRO

I

Passa na altura o sol, passam os dias,
Move-se a terra, os mares se balançam,
As gerações e os tempos se renovam,
Murcham na fronte virginal as flores,
O simoum no deserto, e a sombra, e a nuvem,
O vento na roseira, e a rosa na agua,
As nenufares na corrente, e a espuma,
Pelas faces a lagrima, e nos labios
O sorriso e a alegria... tudo passa,
Só de Paulino as dores cruas jazem!

Passou a feia tempestade; o vento
Os medonhos bulcões irado leva,
Torna a serena luz, cáe na memoria

D'aquella noite horrivel o phantasma,
E como se ha formado assim se ausenta,
Só não se ausenta, só não desparece
A gangrena moral, a seta buida
Do insano amor que os dias lhe envenena!
Em vão consolações, em vão motivos
De distraír-se, de espalhar tristezas
Pelos passeios, pelos theatros busca!
Já duas vezes a comedia e os toiros
(Oh caso virgem nos annaes do avaro!)
Foi vêr!... dinheiro com rasão chorado!
Já no seu quarto se enclausura e os olhos
Avidos lança ás refulgentes peças
Que d'um caixote ferreo extráe a medo.
Que bonitas que são! que luz aquella
Que de si lançam quando o sol as fere!
E quando acertam de tinir, que doce!
Até parece que de alegres falam!
Mas ai! dinheiro acaso males cura,
Males de amor que só amor abranda?
Inutil prespectiva! Os proprios livros
Chamados *da rasão,* esses que os olhos
Gostosos lhe attraíam n'outro tempo,
Horas e horas em sereno extasis,
Livros que sabe já de cór, de tanto

Estal-os a mirar e a vêr-se n'elles,
Sagrados documentos, onde a lista
Dos devedores e ao lado a verba
Jazem dispostas com engenho artistico,
Os proprios livros, seu antigo enlevo,
Percorre com desdem! frustrado é tudo!
Onde pharmacopea milagrosa,
Onde Esculapio assás experiente
Que de remedio males taes proveja?
Tudo no mundo transitorio passa,
Só de Paulino as sevas dores ficam!

II

Um dia, manhã cedo, infernal dia
De angustias, pôz em si Paulino os olhos,
E no ventre attentou com mais cuidado.
Iam-lhe abaixo do quadril os coses
Das largas pantalonas; o colete
Já como d'antes não lhe acertuava,
E viu que a pouco e pouco o vasto abdomen
Perdia de volume um tanto, ou quanto!
De tal impressionado a si pergunta:

«Para onde te foi, Paulino, a alegre,

Mimosa côr de tuas roseas faces?
Que é feito d'essa herculea antiga força
Com que um pote de azeite ao alto erguias?
E o teu arqueado ventre e o teu socego
E a alegria de outr'ora e o ocio manso
Em que os dias da vida ías passando?
O Cupido fatal, fatal magano,
Que eu não possa abjurar tuas leis severas!
Que eu não possa calcar-te aos pés em raiva,
Morder-te e esbordoar-te o imbelle corpo!
Não posso?! Por ventura me falecem
Forças para luctar c'o sentimento,
Para vencer-me e restituir-me á calma?
Acaso se extinguiu dos Segisbertos
A valentia e a proverbial prosapia?
Com cincoenta janeiros bem puxados,
Com os rigores de uma vida austera,
Com fome e frio e guerra e dura inveja,
Pude á lucta cruel aperceber-me,
Sempre cheio de gloria, e n'este lance
Em que se empenha contra mim um cego,
Um imbecil ninguem, fragil creança,
Ha-de na brecha fraquear-me o animo?
Olha por ti e pela sombra honrada
De teus maiores; olha o teu decóro!

Se a um puro amor te desses e tranquillo
No regaço de Venus te encostasses,
Que diriam de ti as linguas perfidas
D'essa cafila ingloria de tortulhos
Que vegetam por hi a cada esquina?
Os proprios ossos de teu pae na campa
De horror por certo rangeriam pavidos!
E tantos devedores que se agrupam
Em volta d'esta casa, manhã cedo,
Que respeitos e attenções para o futuro,
Dariam ao teu oiro e ao alto merito
De tua nobre e grave personagem?
E esse tropel de nescios invejosos,
E os perdularios, essa immunda mescla
De zangãos, de perversos, de farçantes,
De valdevinos, que sorrisos flecham
Ao sol que se levanta e logo escarneos
Jogam, mal que se põe? Raça de fortes,
Valentes capitães, bravos soldados
Gira em teu sangue e tremes d'um menino
Que mal sustenta de um carcaz o peso?
Com sancta abstinencia tantos annos
De sevas manhas triumphaste, sempre
A seus ardis fugiste e titubias
Agora que mais podes, quando rico?

O teu largo thesoiro, os teus dinheiros
Amontoados com suor e á custa
De largas privações, trabalhos improbos,
Os teus penhores, tuas graves peças
Acasteladas n'esse arcaz bojudo,
Tanta riqueza juncta, e esqueces tudo?
Deixas o sacerdocio, em que és antiste,
Deixas o culto da tua hostia de oiro
Hostia de oiro e de amor e de ventura,
Aquella hostia sancta, em cujas aras
Teus cuidados, teus onhos, teus anhelos,
Tua gloria, teu preito, alivio e tudo
Sacrificas perenne! Que demencia
Teu affecto purissimo e teu culto
Faz que interrompas n'estes dias, quando
Ás tuas plantas cáe o mundo em peso?
Não vês como se apinham ás tuas portas
Entrando de tropel grossos talheres,
De luzidia prata, e ricas telas,
Aureos cordões, e castiçaes, e lustres,
E relogios preciosos, louça e sedas,
E novos mil penhores de valia,
Com que a fortuna te enrique o cofre!
E em tal hora de jubilo te entregas
Ás tristuras do amor! Accorda, ingrato!

—Dizes bem, consciencia, teus dictames
Bem quizera seguir, por bons os tenho,
Mas eu não sei que força me assoberba,
Nem que presagio triste me apavora!
Vacillo, tremo, anceio e sempre n'alma
Este fatal amor! Quem lenitivo,
Consolação, remedio, n'este mundo
A meus males dará? N'esta materia,
Melindrosa por certo, experiente
E sabedor profundo é já de ha muito
O jubilado Fr. Matheus; quem sabe
Se facil lhe será conselho e cura?
E por que não, se a lances taes affeito,
Melhor os sabe, do que sabe a resa
Que tem no Breviario? Na estrategia
De desfazer-se d'um amor, quem póde
Levar-lhe a palma, ou invejar-lhe a gloria?
Quem prompto meio de fugir-lhe o influxo
Melhor sabe, melhor? Oh! vamos trepido
Procurar seu conselho franco e sabio!»

E n'isto remirando-se ao espelho
E arrecadando na algibeira as chaves,
Na dextra empunha o bengalão e parte.

III

Era a hora do almoço, hora de jubilo
Na cidade que tem por gordas letras
Gordos cachaços de guardiões antigos
Nas cadeiras do côro, e na mollesa
Está cevando a sé e os padres-mestres,
Quando Paulino martelava ás portas
De Fr. Matheus com rijas aldrabadas.
Eis se não quando desinquieto Adonis
Impubre ainda, acereijado e nedio,
Que Virgilio talvez chamára Corydon,
O manda entrar e para a sala aponta
Saracoteando-se e afflautando a fala:

«Meu padrinho não tarda, agora mesmo
Veio da sé de dizer missa, eu chamo-o.»

Á voz do afilhado accode lepido
De dentro Fr. Matheus gordo e risonho
A abrir os braços e a exclamar contente:

«Oh meu bom Segisberto! então que ventos
O trouxeram tão cedo a nossa casa?»

Segisberto lhe volve um monosylabo,
Expressão de alegria ou de tristura,
Que de uma e d'outra lhe anda a alma preza.
De Fr. Matheus o abraço retribuindo,
Interjeições intercortadas ruge,
E de affrontado quer sentar-se. O conego,
Que é todo elle affectos e ternuras
Para quem tem dinheiro, a mão lhe estende,
E de manso o conduz ao gabinete
Que reservado tem, e aonde os intimos
Mais intimos recebe.

IV

Ali douradas,
Ricas molduras as paredes forram,
Roseo damasco dos profanos guarda
Os penetraes sagrados onde habitam
A preguiça e o prazer e os vicios todos.
Cáem do tecto dois formosos lustres
De fulgente crystal arrendilhado.
Fere-os o sol, que vem pelas janellas
Atravessando sedas transparentes,
Multicolores, de ostro recamadas.
Quebram-se ali os tremulos reflexos,

Como se os lustres se inflammassem presto.
D'um subitaneo raio, ou fogo fatuo.
Ali torneadas mesas e othomanas
Por mão de artista boleadas de oiro
Jazem dispersas sobre molle estofo.
Ali erguido a um canto um fofo leito,
Que aurifulgentes cortinados guardam,
Ao amoroso diliquiar provoca...
A Venus semi-nua dorme a sesta
E se espreguiça além n'um amplo quadro,
D'algum pintor lascivo esmero da arte.
Além foge Semele, que a persegue
Em forma irreverente o pae dos deuses;
Espreita ao lado sorridente o filho
Da gentil Cytherea, aparelhando
No cordão retezado a farpa célere.
Ao pé, n'um quadro de Teniers se antolha
O padre Bacho dormitando, e em punho
Esvaseada uma botelha; correm-lhe
Rios de vinho ás plantas e na face
Rubicunda lhe fervem tredos beijos
Que as Ninphas em tropel lhe estão pousando.
De Paulo Veronense os quadros pendem
Além no topo em frente de uma estatua
Que Priapo figura, quando irrue

De foice em punho co'a guedelha ao vento,
Contra as filhas dos homens, que o despresam.
Adejam pelo ar ennebriante
Acres perfumes, que o desejo accendem...
Parece aquillo um templo da volupia!

N'um sitio adrede preparado, e juncto
D'um busto de marfim que representa
O nedio padre, e entre folhudos pampanos
E verdes heras serpenteando em cachos,
Se encolhe uma poltrona, que sustentam
Dois cornipedes satyros de bruços.
N'ella costuma reclinar-se o conego
E ás famulas que o servem dar as ordens,
N'ella se senta agora e repicando
Vibrante campainha, presto accodem
Duas formosas solteironas moças
Talvez da Grecia fugitivas nymphas.

«Almoço para dois, almoço farto
Qual compete á excellencia do meu hospede;
Isto só é que ordeno, isto vos mando
Que sem detença se prepare. Antonia
E tu Izabelita, haveis de ao cabo
Cantar o ledo péan que honte á noite

Em volta d'esse leito me cantastes.
Podeis agora retirar-vos, ide-vos.»

Deram-se as mãos as duas, e Paulino
Até á porta com o olhar seguindo-as,
Parecia invejar do amigo a sorte.

V

Desceu emfim da cathedra risonho
O padre Fr. Matheus, bem como quando
Desce vaidoso um principe do throno
Os olhos derramando pelos subditos.
Depois tomando as mãos a Segisberto
C'um sorriso lhe volve:

«Ora mal sabe
Que prazer, que alegria sinto n'alma
Por vêl-o n'esta casa. D'esta feita
Fio que ha-de bondoso dar-me a honra
De comigo almoçar o chocolate
Feito por mão d'aquellas duas perolas
Que mandei vir da Hespanha. As andaluzas,
Ha-de comigo concordar, mais valem
Que todas as mulheres, quantas cobre
A rosinha do sol. Ao menos estas

São mulheres de lei, não lhe parece?»

«Não contesto o que diz, porém observo-lhe
Que nós os portuguezes tambem temos
De bom algumas coisas n'este genero.
Eu por mim falo, reverendo padre,
Em Portugal assás conheço, creia-me,
Mulher que em formosura excede tudo
Quanto de bom imaginar-se possa.»

«Tambem eu não contesto, o outro accode,
Que ao meu aviso uma excepção exista,
Mas olhe, meu Paulino, sempre a gente,
Não sei o que isto é, mais apetece,
A alheia especiaria, o que é vedado,
O contrabando emfim.»
«Estou conforme,
Mas tambem sei que o bom, se é contrabando,
Tem de pagar *direitos.*»
«Para conegos
Já ruiram de ha muito as aduanas.
Mulheres e tabaco, amor e vinho
Já nas barreiras passam livremente,
O ponto é que no involucro se escreva:
Para consumo de um irmão da ordem.»

«Vou entendendo, Fr. Matheus; um padre
Traz na corôa passaporte aberto,
E por bordão a santa cruz de Christo...
De mais a mais, senhor, quem tem prebenda
E o gran celeiro do cabido ás ordens,
E mais alguns emolumentos, póde
Mulheres engordar da Hespanha inteira;
Mas quem vive da agencia, modestissima,
Como esta minha, de emprestar dinheiro,
Nem portuguezas sustentar lhe é dado!»

«Não se amesquinhe tanto, o frei lhe torna,
Nem me encareça meus pequenos reditos;
Olhe que já não rende como d'antes
O officio de dizer sermões e missas;
Vae já minguando a devoção das beatas
E o proprio tribunal da Penitencia
Tornou-se tão esteril, que hoje em dia
Ninguem já quer de confessor o encargo.
A prova d'isso tudo em mim a veja:
Isso que vê por essa casa esparso
Tudo lhe hypothequei e pago juros,
Afora algumas letras que ainda ha pouco
Com meu nome firmei e a tantos d'este
Espero em Deus pagar-lhe. D'onde é certo

Que não faltando a um conego mulheres
Nem pão, nem vinho, nem por isso póde
Aventar-se que é rico; mas deixando
Bagatellas agora, meu Paulino,
Não poderei saber a que motivo
Devo a honra de o vêr antes do côro?»

«Perdão, senhor; de todo me esquecia
Que já na cathedral bradou ao côro
O carrilhão do estylo; eu me retiro
E d'outra vez direi... ha-de ter pressa...»

«Não faça caso do que os sinos dizem:
Quem sabe lá o que dispõem os canones
Para multar-me cada vez que eu falte?
Os meus collegas supprem minhas vezes.
Hoje não é domingo, nem que o fosse,
Deus se importava com formalidades;
Esqueçâmos o côro e em quanto o almoço
Não fumega na mesa, espaireçâmos
Os olhos n'esses quadros e n'este album:
Ora veja; não gosta d'esta dama
Tão decotada, tão carnuda?»

«Gosto;

Quem é, póde dizer-se?»

«Não se lembra
D'aquella bailarina que em dançando
Caía alfim no chão com tal denguice
Que um anjo adormecido parecia?»

«Ouvi dizer que sim; e esta que a saia
Tem côr de rosa e os olhos tão quebrados
Assim, como quem scisma? esta é fadista
Por mais que Fr. Matheus queira negar-me!»

«Exactamente; então se o amigo gosta
D'essa especiaria, vou mostrar-lhe
Coisa que a tudo excede n'esse genero.»

E aqui fechando o livro, a mão estende
E extrae de dentro d'um pequeno armario
Varios tomos dourados, onde avultam
Da «Theresa philosopha» o romance,
«La Cortina Corrida» e o «Saturnino»,
Faublás, Bocage e as lubricas eroticas
De varios mil auctores licenciosos
Enriquecidos do cinzel artistico!
Logo lhe vae mostrando intercaladas
No texto assetinado estampas várias
Que os desejos accendem tumultuosos.

Chegou porém a perspectiva a um ponto
Que Paulino ao lembrar-se da Mathilde
Grunhe convulso:
«Amigo, nunca, nunca
Poderei esquecer um rosto angelico
Que a todas essas affectadas damas
Sobresáe na feição e as palmas ganha!»

«Belleza rara deve ser»
«Por certo
Que assim a considero; d'outra fórma
Não seriam por ella meus cuidados,
Cuidados que eu bem sei hão-de dar cabo
D'esta existencia minha desgraçada.»
«Não entendo Paulino; então que estorvos
A tal amor se oppõem?»
«Mathilde é pobre,
Para que a tome por esposa minha,
E em demasia, para amante, esquiva.
Já vê, meu rico amigo, a desventura
Com que Deus me visita. A primavera
Que para todos traz novas primicias
Nem uma flôr produz para a minha alma!
Hei-de passar em viuvez eterna
Os dias d'esta vida melancholica,

Sem aos labios collar uns labios de anjo,
Sem aos seios unir seios de fada!
Olhe que a minha vida é um longo drama
Que ninguem sabe quantas dores custa!
Tenho soffrido muito; se soubesse
As lagrimas que choro, quando á noite
Acordo de um sonhar aereo, vago
Em que eu a vejo a ella circundada
D'uma aureola de luz, adormecida
Ali junto de mim, no roseo leito
Das ternuras do amor, ai! meu amigo,
Se o amor é sonho, não me acorde nunca!»

VI

Sorriu-se Fr. Matheus de malicioso,
E grave concertando, como é de uso,
Agora o tom, agora os ademanes,
Prorompe em ciceronica parlanda:

«Maritoso é Paulino, e pois que o fado
Igual por ambos nós disparte os damnos
Que gera o filho da formosa deusa,
Em prol da commum causa aos ceus levanto
Minha experiente voz; e conto, amigo,

Co'a mão na consciencia expôr-lhe franco
Os alvitres que a pratica me ensina.
Exordiarei por combater o influxo
Do amor que os bolços evacua presto.
Amores caros, Deus nos livre d'elles.
Por isso o matrimonio (ó ceu, perdoa-me!)
A aconselhar a amigos não me atrevo
Para evitar escrupulos; no entanto
Se não fosse oneroso, era este o meio
Legal de confundir duas almas n'uma.
Não lhe parece arrasoado?»

«Oh! certo;
Mas eu não hei-de agora ir com meus filhos,
Meus ou de outrem... gastar economias
Que tanto me hão custado. Casar, nunca.»

«Está comigo; (o orador alenta-se)
Deixando, pois, o matrimonio, segue-se
Tratar de uma outra hypotese, e confesso
Que a aproveitar-se, n'este caso é a unica.
Eu voto pelo assalto á fortaleza
Que o meu amigo julga inexpugnavel.
A Mathilde é mulher, e tanto basta
Para render-se no primeiro encontro.
Mas quando resistir pretenda ao choque

De mil jaculatorias amorosas,
D'um batalhão de esplendidos conceitos
Bebidos em Platão ou Quintiliano,
D'um chuveiro de alegres galanteios
Quaes vem no Secretario dos amantes,
Então, *oh! Dii avertite!* tentemos
Domar-lhe á força o espirito rebelde,
Se a intervenção de algum parlamentario
De feminino sexo o não consiga.
E para tal extremo eis preparadas
Rijas escadas de entrançada corda,
Fieis gazuas, chaves falsas, moldes
De fechaduras varias—apetrechos
Emfim, para meu uso aparelhados.
Não ha janella, nem muralha, ou porta
Que á força de trabalho se não renda.
Eu voto pelo assalto.»

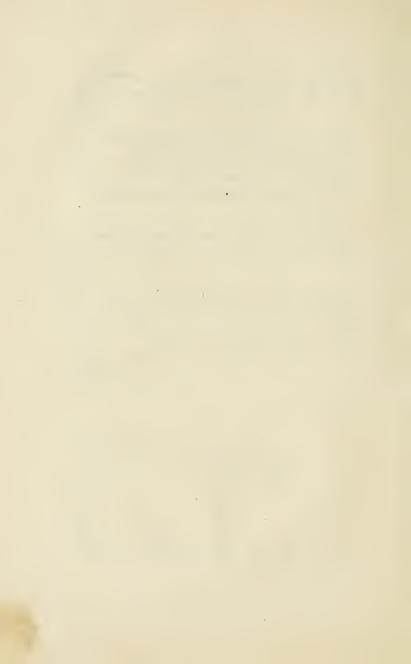
—«Pelo assalto!
Isso não é de cavalheiro, amigo!
Antes perdel-a, do que de taes meios
Servir-me por ganhal-a! mas perdel-a...
Antes eu morra na improba contenda!»

O reverendo derrubou a fronte
Como quem fica pensativo, e ao cabo

De alguns segundos, posto em pé, levanta
O turvado semblante, e assim lhe torna:

«Deixe o negocio cá por mim; eu mesmo
Procurarei Mathilde ao fim da missa,
E desde já na sua causa empenho
Meu largo estudo a iguaes empresas dado.»

—Ai quanto lhe sou grato!—Mais não poude
Dizer Paulino em lagrimas immerso.

Ouviu-se então ao longe um canto alegre
Como de orgia, em bachanal esconsa;
Era o preludio festival do almoço.

CANTO QUARTO

CANTO QUARTO

I

Em quanto Segisberto e o reverendo
Egresso Fr. Matheus suas contas lançam
Ás forças e aos ardis de que dispõem,
Aquelle calculando a hora e o sitio
De Mathilde encontrar, este a despeza
Do processo amoroso em que já conta
Pagar as custas e comprar juizes,
Arranquemos á theorba um idylio novo.

II

Um dia amor cantando ás brisas tepidas
Que perpassando em beijos respondiam
Bonifacio scismava. ás horas mortas

Sentado na janella. Em cima a lua
Resvalava na altura, como a virgem
Que em seu cantar na mente lhe surgia.
Era propicia a hora para amantes.
Hora de mil segredos coitadora.
A rua era deserta, o ceu explendido.
Mal se ouvia o chilido de alguma ave
Do seu ninho a espreitar. Dormente e calma
A viração da noite embalsamada
Talvez dos beijos de lascivo amante
Ia-se espreguiçando mollemente
Como de leve um barco á flor das aguas.

«Não tenho que fazer; vou-me cantando
Até que ella appareça.» Isto dizia
De si p'ra si o Bonifacio. Logo
Encadeando foi a troxe-moxe
Estas solemnes quadras numerosas.
D'algum Bandarra incognito feitura:

«Olhos cançados, lumes extinctos
A custo se erguem ao firmamento,
Oh ceus! levae-me pelos espaços
Aonde me leva meu pensamento.

Em broncas penhas, dos lobos coito,
As almas vivem dos desgraçados;
E farejando dinheiro e honras
Em volta rugem leões irados;

Então a lua, cingida em crepes
Paira sinistra no erguido serro;
E em roda estrellas amarellentas
Simelham cyrios de algum enterro.

Tal me tem sido continuo a vida,
Lume sem brilho, tecto sem lares,
Lua mortuaria, lividos astros
Sós contemplando negros pesares.

Feliz quem póde dormir ás soltas
Nas pobres palhas do seu colmado,
Contar á virgem dos seus amores
Doces tormentos d'um namorado.

E quando eu morra (misera vida!
Sorte mofina que em vão maldigo!)
Nem mesmo conto para chorar-me
Com o piedoso pranto de amigo.

Olhos cançados, mortiços lumes
A custo se erguem ao firmamento,
Oh ceus! levae-me pelos espaços
Aonde me leva meu pensamento.»

III

Mal tinha o novo Ossian findado a estrofe,
Eis se não quando um rosto côr da lua
Que pelo espaço então se pavoneia,
De comas ondulantes moldurado
Começa de avistar-se lá ao longe
Na fronteira janella. Era dos valles
O vaporsinho branco matutino,
Ou d'uma estrella a cauda rastejante
Humanisada pela mão do Artista?
Fosse o que fosse aquillo: Bonifacio
Conheceu da visão a realidade;
Puxou d'um lenço branco, e meneando-o
Na aza da viração, aos ares sólta
Longo suspiro de amorosa ardencia.
Um outro lenço então ao longe alveja
Correspondendo ao signal dado, e breve
Na mansa vibração da aura sonora
Um canto sôa de harmonia angelica:

«Que formosos, que suaves não eram
Esses dias alegres de outr'ora,
Quando a infancia passava brincando
Sem sentir os cuidados de agora!

Quando a lua rompia na encosta
Ou pairava na altura do espaço,
Eu cuidava que a lua, descendo,
Me podia caír no regaço.

E por isso estendendo as mãos ambas
Té cuidava apanhar as estrellas,
Ai, que sonhos, que fundas saudades!
Quem podera, meu Deus, esquecel-as!

Eu por mim se mil annos de vida
Sobre a terra o Senhor me trouxer,
Estes dias formosos da infancia
Nunca mais poderei esquecer.

Não me esquecem; que os dias felizes
Esses dias alegres de outr'ora
Mais me lembram, se mais me recordo
D'este amor que minha alma devora!»

IV

Calou-se a voz ; desparececu o vulto.
Momento de anciedade como és longo
Para quem traz o coração em penas!
Bonifacio scismava, olhos pregados
Na adversa gelosia. Alfim o archanjo
Com sua curta saia, côr de rosa,
Deixando vêr em baixo... a orla, a franja;
Cabello solto ao vento, como as virgens
Do trovador da Escossia, alvo peitilho
Do seio aos olhos occultando as formas
Que quanto mais se apertam, mais avultam,
E n'um descuido, ao perpassar, se vêem;
A virgem das madeixas fluctuantes
Saíu, como das murthas cythereas
A desmaiada Venus.
«Entra, filha»
Assim dissera Bonifacio ao vel-a.
De prompto abriu-se a porta e de mansinho
Sobre si a fechou o alverco amante.
Pé ante pé os dois foram seguindo
O escuro corredor, vias esconsas,
Até que pelas trevas defendidos
De Bonifacio já na alcova entraram.

«Paulino dorme?»
«Ou durma, ou não, que importa?»
«Póde sentir-me aqui!...»
«Fica tranquilla;
No meu quarto não entra. É muito tarde,
E este da noite espaço que ainda resta
Para o descanço é pouco.»
«Vou contar-te
Um caso que é da gente ir pelos ares
Ahi ás gargalhadas: Segisberto
Persegue-me de morte, e n'uma noite
De horrivel tempestade, surge um vulto...»
«Basta, Mathilde, já sei tudo»
«Sabes?»
«O que elle não contou, adivinhei-o.
Paulino Segisberto está furioso,
Louco de amores, doido por gosar-te!
Deu-se agora o maldicto a fazer versos!
Para cantar-te nem já conta as peças!
A sua vida agora é andar scismando
Ora em teus olhos, ora no dinheiro
Que tem de dar a Fr. Matheus, se um dia
Este chegar a demover teu animo:
Que me dizes a isto?»
De repente

Sólta Mathilde infrene gargalhada.
Reboaram por dentro os echos pavidos,
E com estrondo os quartos retumbaram.
Paulino de assustado deu um urro,
E logo animo e forças recobrando:

«Que é isso ahi no quarto, Bonifacio?»
«Estava eu a sonhar...»
«Pois sonhe baixo!»

Ficou o lindo par todo tremente,
Como se algum leão na jaula urrasse.

V

Mal hajas tu, Cerbero, que entornaste
Tão cedo o vaso do supremo goso
Dos labios d'um amante, mal provado!
Mal haja quem subverte a gota d'agua
Que está tremendo no botão de rosa,
E na aridez do solo a desperdiça!
Mas Deus que é providente aos males nossos
Deixou remedio n'este val de lagrimas.

«Desçamos ao quintal; fujamos, filha,

D'este logar infiel, desce de manso.»

E os braços dando os dois amantes descem.
Levam comsigo na alma palpitante
Lubrico, irrepressivel da luxuria
Arduo desejo.

VI

Eil-os já que chegaram
Aonde o amor seu sacrificio espera.
Ao ar livre se vêem, se contemplam,
E com ancia se apertam n'um amplexo!
Esquecidos do mundo, ao abandono
D'um desejo sómente ambos se entregam;
Por entre as brancas flores e murteiras
Se embrenham e se perdem de enlevados.
Deixam atraz as moitas verdejantes
Do feijoal em flor, das frescas heras;
Lá ao cabo se avista a laranjeira
A rescender perfumes; larga copa
Por onde vae cambeando a branca lua
Olorosa se expande. Ao pé do tronco
Em arrelvado leito se repoisam
Cansados do desejo os dois amantes,
E esta de amor conversa entre si trocam.

«Senta-te aqui, amor, nos meus joelhos;
A tua mão na minha, e nos meus olhos
A luz d'esses teus olhos alumie!
Assim... inclina agora no meu hombro
A tua face branca. Ai! como és linda!»

«Olhos com que me vês, linda me fazem».

«Então, não me acreditas?»
A Mathilde
Com os taes olhos feiticeiros, lindos,
Que nem a gente sabe se são olhos,
Se estrellas, se esmeraldas, se saphiras,
Se tudo n'um conjuncto ali se enlaça,
Baixinho balbuciou entre suspiros
A popular cantiga, em lingua de anjos:

«Ó meu amor, se te fores
Leva-me, podendo ser;
Que eu quero ir acabar
Onde tu fores morrer!»

«Morrer! disseste tu! pelas estrellas
Que nossas nupcias alumiam, juro-te
Que tarde ou cedo, quando eu fôr vingado

D'esta vil condição de *escravo*... um dia
Á mesma tumba desceremos juntos
Mas ebrios de prazer e fartos de ouro!»

Disse, e tremente de prazer e colera
De novo aperta, com mais ancia estreita
Mathildinha entre os braços, quasi morta
Morta da doce morte que mil vezes
Se deseja na vida... Ai! combatida
Quem sabe pelo que? pela vergonha?
Quer desprender-se d'esse enleio de alma
E os abraços fugir. Já se recusa
E mais e mais provoca; já nas moitas
Finge perder-se e logo vir saíndo
Assustada, a correr, quando o ladino
Do rapaz a taes lances costumado
Co'um risinho na boca assim lhe volve:

«Não te escondas, menina, então a gente
Que tem que olhe para ti?
O eunucho do harem, mais innocente
Tambem contempla a huri!

Eu não digo que sou qualquer eunucho,
Alma sem coração,

Mas tambem não arranco do trabuco
E defendo o sultão!

O serralho p'ra mim não tem poesia
Nem eu já sei amar,
Senão as creações da phantasia
Que me sobem ao ar!

Tu has-de-me dizer—coisa exquisita
Que este homem não é!
Mas não é tanto assim, o rude Schita
Tambem lá tem sua fé!

A minha, a minha fé, é contemplar-te
Morrer por ti de amores,
Com meus beijos seguir-te a toda a parte
Onde tu fores!»

Não poude dizer mais, nos braços tremulos
Cáe-lhe de chofre a lubrica donzela
Em langoroso frenesi de beijos...

VII

Já das estrellas o fulgor desmaia,
E o firmamento se aclarea; é dia.
Sonhos de amor, quem vos fizera eternos!

CANTO QUINTO

CANTO QUINTO

I

Minhas doces visões de eras antigas,
Meus sonhos de acordado, aereos, vagos,
Anjos da minha infancia adormecidos
Ao som da harpa infantil, de cujos braços
Festões de frescas rosas suspendiam
Meus simplices amores de creança,
Dormentes cherubins, acordae ledos
Á voz ferrenha, cava, horrenda e grossa
De Pluto, que sustenta das espaduas
Pendente arreio enorme de patacos.

Haveis de ouvir (não tenhaes medo, virgens)
Proesas verdadeiras, quaes Ulisses
Nem Hercules sonhou, ou Marte duro.

Divulgo em verso, d'outros mal sabido,
Os altos feitos d'esse nume altivo
Que passa, monstro! pelo mundo, arreiado
Dos despojos das victimas. Na fronte
Arrendilhada mitra de ouro puro:
Abarcas de diamante os pés lhe calçam
E no marmoreo peito por justilho
Arde-lhe cossolete de ostro e prata.
Passa o Deus que dinheiro se appelida
E ante quem todos seus joelhos dobram.

Não vos amedronteis, vergineas fadas,
Desnudae vosso rosto e vinde em côro
Co'a voz maviosa descantar louvores,
Ao rei que passa em triumphal cortejo.

Ó minas que eu sonhei quando era moço
E que eu jámais no mundo alcançar pude,
Dos meandros do abysmo levantae-vos,
Se é que não foi mal agoirado o sonho!
Libras que estaes dormindo nos sepulchros
Onde avarenta mão vos póz em trevas,
Estremecei de jubilo, soerguei-vos
Ao brado meu, que á mingua de outros sonhos
Sonho comvosco, enganadoras sombras!

Doces memorias, já que me é vedado
Realisar-vos, embalae-me o espirito.

II

É meia noite. Brada o sino tredo
Uns lugubres gemidos de horror plenos.
Hora aziaga em que os phantasmas erguem
D'entre as frestas da campa as calvas nuas.
Então é que o avarento, á luz da lampada
Por alta noite, silencioso avulta!

Quadro soberbo! Arcaz vetusto e magno,
Que ferreas largas cintas todo abraçam,
Ante os olhos attonitos se estende!
Cobre-o de branco linho alva toalha
Que pelos cantos pende em alvos folhos,
Era um altar aquillo? mas o sancto?

Estava todo em volta illuminado,
Como se muitas luzes reflectissem
A luz de muitos soes. Raios luzentes
Quaes á tarde nas aguas mil projecta
O sol do extremo occaso, se diffundem
Em mil palhetas de oiro pelo ambito.

D'onde vem tanta luz? Oh luz divina
Da creação humana! Oh libras, libras
Como sois deusas n'esse altar esplendido!
Vós sois como um cortejo de mil graças
Que illuminaes de formosura o mundo!
Dormi sobre esse throno, archanjos loiros!

Que simbolo d'amor n'esse altar se ergue!
Em volta castiçaes de luz tremente,
Em baixo almofadinhas côr de rosa,
Em cima um sobreceu azul e branco
E na frente um christão prostrado em extasis!
Hostia de oiro, dinheiro, eu te venero!

Tu és o typo da belleza classica
Mais acabado. Do moderno artista
A creação magnifica, estupenda
Que os nossos corações prende nos raios
Que emittes d'esse olhar enamorado
Capaz de desmaiar de amor as pedras!

Tu não te fazes velho; és sempre novo
A despeito dos annos que mais solida
Tornam tua belleza e côr divina!
Porisso eu bem quizera ir, com meus labios

Beijar-te a face, recolher-te ao seio
Oh sancto milagroso, aureo dinheiro!

O quarto do usurario é como um templo
Que respeito e terror junctos inspira!
Cofres, gavetas, luzes, magestade!...
E que respeito amostra o rosto palido
Do sacerdote que de joelhos ora
Confundido, humilhado, Segisberto!

Olhos postos no altar, as mãos erguidas,
Em fervente oração, como que absorto,
No silencio da noite, era Paulino.
Que prece augusta os labios lhe descerra!
Dythirambo de amor, loa sagrada
Lhe inspira esse espectaculo! Silencio!

III

«Dinheiro! Oh! gran Tarquinio das mulheres,
Dinheiro sal da terra e luz do mundo,
Quem todo, quanto as minas tem nas veias,
Ante meus olhos pavidos mostrára!
Tu és da natureza o magnetismo
Que ás almas gastas vida nova insuflas!

Se um cataclysmo desmanchar o globo,
Só tu de novo reconstruir o podes!
Tu és como a alavanca de Archimedes,
D'um só esforço teu, de um leve nuto
Podes tombar o orbe, e o movimento
Accelerar no eixo á grande bola!

Diante das tuas cruzes o idolatra
Se faz iconoclasta, parte os idolos
Para que um Deus universal adore
Na pureza do mais intimo affecto!
E quem nos diz a nós que em ti não vive
Da *alma parens* a essencia mysteriosa?

O christão mais fiel salta de jubilo
Se ao seu portal a tilintar assomas,
Como se um anjo accaso ali viesse!
Se a tua face tem da aurora o brilho,
Se a tua fala tem mais doces notas
Do que uma lyra em mãos de novo Apollo!

É vêr o culto que a religião te presta.
Se alguma beata as grossas contas resa
Muitas vezes se engana, beija as cruzes
Do seu rosario que nos dedos passa,

Porque julga beijar a face argentea,
Tua face nivea que tambem tem cruzes

Seja qual fôr a mão que te levante,
As multidões se accurvam, mal te avistam
Se passas triumphal, longas fileiras
Em derredor se prostam respeitosas,
É como se passasse magestatico
Um sacerdote conduzindo a hostia!

Tu elevas ao throno os reis, porisso
Os reis descem do throno e te cortejam
Mal que do paço ao limiar assomas!
Se tu és arbitro e dispões dos thronos!
A tua voz maviosa accorda os mortos
E ressuscita os Lazaros famintos!

O teu imperio é grande, e os teus vassalos
Sem distincção de culto, nem de crença,
Todos te adoram, bemfazejo nume!
Deus da alegria, despota do mundo,
Tu abraças n'um circulo dourado
Todos os povos, quantos sol recebem!

Tu só da humanidade fazes uma

Grande familia, embora em seus costumes,
Usos e leis pareça varia. Um culto
Um só altar, um povo, uma só crença
Só tu fazer podias. Grande nume,
O Deus universal és tu, dinheiro!

O vento irado os altos cedros tomba,
O mar devora os galeões no abysmo,
O raio estala a acropole suberba,
O diluvio devasta e inunda as terras,
Mas o dinheiro com sua voz metalica
Devasta, inunda, fere e abala o mundo!»

N'estas e n'outras praticas de avaro
O espirito Paulino recreava
Em quanto Bonifacio e a Mathildinha
Nos lindos braços de Erecina bella
As horas da ventura íam passando.
E o que é a vida mais do que um contraste?

IV

Findou a lôa. Já no roxo oriente
Vem arraiando a branca estrella de alva.
No laranjal em flor pipila a ave.

Descanta o rouxinol d'entre as balceiras.
Agita-se o vapor do manso lago,
Adelgaçado e tenue como o incenso
Que se levanta em ondas, d'um thuribulo.
Nas petalas da flor trementes gotas
De fresco, iriado orvalho transparecem
No balouço da brisa perfumada.
Ergue-se áquem e além o rumor vago
De quem desperta do sonhar da noite,
E a estrella do oriente repimpando-se
Em seus coxins de purpura, se eleva.

Era esta a hora, em que Mathilde accode,
Solto o cabello, a abrir a gelosia
As matinaes fragrancias aspirando;
Esta em que vem no penteador envolta,
Ao espelho compor as negras tranças
E a canção da manhã soltar aos ventos.
Assim Paulino vendo erguer-se a aurora
Ao seu balcão assoma e espreita e espera
Que defronte appareça a Mathildinha.
Ali solemne, em pé, olhos pregados
Na janella defronte demorava.

Quem o visse a tal hora, em tal postura

De vidente, pensára vêr da Biblia
Algum propheta na hora silenciosa
Da inspiração divina. A ampla calva
Em toda a sua magestade olympica
Alvejava no topo, como as neves
Feridas pelo sol na altura do Athos.
Estava descorado e triste, os olhos
Arregalados nem siquer boliam.
Fôra longa a vigilia, entre a cubiça
Do dinheiro e de amores repartida.
Mil projectos a mente lhe avassalam
E todos, como a espuma, se dissipam.
Chamar a Mathildinha e ante seus olhos
Exhibir seus thesoiros? prometter-lhe
Para o futuro sua mão de esposo?
Esperar que Matheus se desempenhe
Da alta mensagem de captar-lhe o espirito?
A Bonifacio descobrir o intento?
Questões são estas que Paulino agitam

V

Entanto Bonifacio ainda palido
Da scena luxuriosa d'essa noite
E os labios perfumados pelos beijos

Da tréfega donzella, ante Paulino
Vem presentar-se humilde e cabisbaixo.

«Que tens rapaz? (n'elle seu amo attenta)
Olheiras n'esses olhos, fala debil,
Escaveirado e triste, accaso a noite
Mal a passaste? ou é que estás doente?»

«Prouvera a Deus que antes doença fôra
A causa do que em mim ora estaes vendo.
(Bonifacio prosegue) Mestre e amigo,
Nem só do corpo as dores amofinam,
Tambem, e mores são, as de alma doem
E rugas sulcam no semblante. As minhas
Graves tristuras são, por vêr que meio
Adequado não acho a dar mesinha
Ao presistente mal que vos domina.
As minhas noites mal dormidas levo-as
Pensando em vós, e só Deus sabe quantas
Lagrimas verto cada vez que penso
Que me não chega a força, aonde a vontade.
Estimar-vos eu tanto, e vosso agravo
Não poder eu aliviar!... Supplicio
Capaz é este de levar-me á cova.
Esta noite, senhor, não cerrei olhos,

Porque não hei-de declarar-vos tudo?
Por vêr que todo o dia não fizestes
Mais que scismar e proferir um nome
De espaço a espaço, o nome de Mathilde.
Dormir! Que fido amigo póde as noites
Levar de um somno, quando em arduos lances
Vê torturada uma alma como a vossa?»

«Obrigado, rapaz; se eu Christo fôra
Por discipulo amado te escolhera.
Vejo-me combatido por mil males
E sem poder fugir-lhes; dar-se-ha caso
Que tu valer-me possas? Se me lembro,
Um dia me disseste que podias...»

«Não sei que tenho aqui a adivinhar-me
Uma alegria insolita. Os olhares
Langorosos que a furto relanceia
Mathilde, quando ao vosso lado passa;
Aquelle riso de alma, que no rosto
Lhe transparece, mal vos vê pousando
Nos seus os vossos olhos melancholicos,
Não sei; mas sobre os sanctos evangelhos
Que Mathilde vos ama, jurar posso.»

«Juras? Toma esta bolça, é tua, guarda-a.»

«Offendeis-me, senhor; vosso dinheiro
Aos outros lisongeia, a mim agrava-me.
Não vendo meus favores, vossa bolça
A Fr. Matheus a dae, que vol-a acceita;
Em quanto a mim, não cuideis mais em paga,
Que as acções boas tem comsigo o premio.»

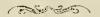
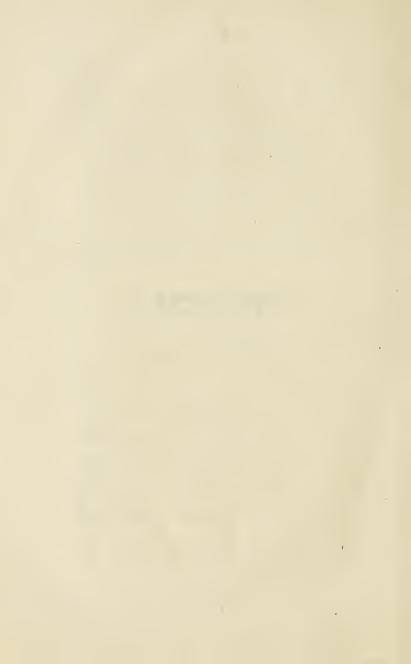
De tanta abnegação enfiou Paulino.

VI

Conversa longa de amoroso objecto
Lhes foi as longas horas encurtando.
Cada qual a seu geito faz o quadro
Das perfeições da requestada amante,
Bonifacio a sorrir, Paulino serio.
Altercam, mas ao fim ambos confessam
Ser a Mathilde a mais formosa môça
De quantas vestem saia. E os olhos d'ella?
Pois ha no céu estrella que as eguale,
Ou na terra palheta que as translade?
E quando vem da fonte com seu cantaro
Assente na rodilha, e as pontas brancas

Do lenço côr de neve descahidas
Nos contornos gentis dos hombros flaccidos?
Depois aquella voz alta e sonora
Partindo-se em requebros amorosos
Á noite nos serões? Deus me perdôe
Se a bellezas mortaes meu joelho dóbro,
Mas Deus que a fez tão linda certamente
Que desejou que todos nós a amassemos.
Estavam n'isto quando a voz maviosa
De Mathilde se ouviu cantando ao longe:

«Muito se engana quem cuida,
Tambem eu agora digo:
Elle cuida que me apanha
E eu passo as noites comtigo.»

Sorriu-se Bonifacio ouvindo a trova
Que só elle entendia, Segisberto
Nem por tal deu de tanto embevecido
Que estava no sublime da conversa.
Divertiu-lhe a attenção um grave estrondo,
Como do mar que estoira em bronca penha;
Entrava Fr. Matheus cantando um *Kirie*.

CANTO SEXTO

CANTO SEXTO

I

«Bem vindo seja: apraz-me vel-o alegre
Logo pela manhã; dia formoso
Vamos ter certamente. Deus permitta
Que os fados tal agoiro não desmintam.
Então que novas traz? Faustas por certo
Devem de ser, se auspicios não enganam.
Offegante e a cantar! Sente-se e conte,
Que me dão gosto as suas narrativas.
Tire esse cabeção, ponha-se ao fresco.
Se porém vem suado, n'esse caso
Ponha o barrete, ou desaperte a loba
Se é que o affronta a calma, finalmente
Como queira, a seu gosto...»

Isto dizia

Jubiloso e a sorrir, entre carinhos,
A Fr. Matheus, Paulino Segisberto
Em quanto os remirava de soslaio
Bonifacio a distancia.
«Acho acertado
O conselho. Obrigado. Se permitte
Tiro a solaina e ponho-me á vontade.
Faz um calor que é mesmo andar a gente
(Irra com tal calor!) a derreter-se.
Ser gordo n'este tempo é andar em risco
De ficarmos por ahi feitos torresmos.
Ora agora a respeito de noticias,
As mais frescas, mais frescas e curiosas,
As chegadas agora pela posta
Resumem-se no escandalo do Chantre
Que esta manhã foi visto antes da missa
Já revestido para o altar, a occultas
Na sacristia, e até nas mãos o calix,
Foi visto, digo, desfechando beijos
Nas bochechas da filha do sineiro!
Acaso vinha então do altar descendo
O vermelho Giboia, que tal vendo,
Pungido do ciume e transtornado
Pelo caso espantoso irado cresce,
Calix em punho contra os dois que bradam

Aqui d'el-rei, recuando espavoridos.
Então, caso inaudito! os dois athletas
Tendo por armas dois pesados calices
Por chicotes estolas e por saios
As longas alvas rastejando, avançam
E crescendo e raivando se encanzinam
Como da Hircania dois leões ferozes.
Desmaia logo ali a debil moça
Que os padres chamam Pilula-do-affecto,
Ao passo que os ardidos campeadores
Luctando braço a braço vão de encontro
A um Sancto Christo que ali estava perto,
E pelos ares em pedaços voa!
Já pelos corredores vão troando
Irados morras e blasphemias torpes,
Já de tropel e de roldão accorrem
Os meninos do coro e os padres mestres
E o bando vil dos beneficiados
E mulheres que vem gritando ao fogo
E com seus gritos mais alarde fazem
Do novo caso que esta sé deshonra!
Emfim cansados d'essa lucta ignobil
Os dois se apartam e escumando juram
De levar a questão ao Padre Sancto
E á Sancta Sé pedir um desagravo.

Aqui tem o que sei... e o meu amigo
O que sabe desde hontem a esta parte!»

«Por mim só sei o que os jornaes relatam.
Afora a crise monetaria, facto
Que traz sobresaltados os espiritos,
Menos o meu, pois conto aproveitar-me
Da pobreza do erario, ou banca rota.
Para com isso ir alargando a esphera
Do meu particular commerciosinho;
Afora outras quejandas bagatellas,
Tenho a dizer que no attinente a amores
Tudo me vae correndo ás maravilhas,
Pelo menos abundam-me esperanças.
Um dia d'estes vi Mathilde á porta,
E cortejando-a e os olhos pondo n'ella,
Me respondeu de lá com um tal sorriso
Que mais lindo o não tem anjos celestes.»

Quem reparasse em Fr. Matheus, veria
Passar-lhe pelo rosto n'esse instante
Uma ligeira sombra de tristeza,
E depois enfiar, fazer-se palido
E pouco a pouco recobrando alento,
Dos labios escoar-se-lhe:

«Em verdade
Que muito folgo com tão *grata* nova,
Se bem que dos esforços *meus*, não era
De esperar outra coisa...»
Segisberto
Enternecido, e as lagrimas sustendo,
Atira-se-lhe ás mãos e as fila e aperta
E de affectuoso aos labios seus as leva.

II

«Esqueçamos um pouco a Mathildinha
E que ella nos perdoe. Heis de presente
Guardar n'alma a memoria d'essa noite,
Em que eu perdido pela vista e fala
Da mulher que sabeis, andei errante
Por lobregas alvercas...»
«Bem nos lembra»
Por si e pelo conego responde
Bonifacio de um angulo da sala.

«Muito bem, meus amigos, torna o homem
Do suor limpando as vastas camarinhas,
Quando eu cuidava que ali fosse o termo
D'esta existencia minha já cansada

De percorrer por asperos abrolhos,
Vendo-me ahi a sós co'a noite escura
N'um marnel acarvado, não sei como
Se illuminou por dentro o meu espirito.
Então pelos ceus claros da minha alma,
Como ás vezes por noite calma e estiva,
Brilhou de luz um raio. Oh sancta idéa
Luminosa de Deus que me acclarava!
Lembrou-me a salvação, como se naufrago
Visse ao longe um farol no porto amigo.
Quiz erguer minha voz, levava-a o vento;
Quiz levantar as mãos, não tinha forças;
Ergui o pensamento e Deus propicio
A prece d'alma silenciosa ouviu-a.
Fiz um voto ao Senhor e semi-morto
Balbuciei:

—«Se eu d'esta me vir salvo,
Descalço irei, da noite ás horas mortas
Com meu candil na mão ao vosso templo
Alumiar o altar, graças mil dar-vos.
Trez dias e trez noites jejuando
A pão e agua, meu Deus, em honra vossa
Penitencia farei; e quando findos
Forem os dias do meu voto, ainda
Pelos pobres mais pobres do meu bairro

Distribuirei um pinto.» —

Eis em aberto
A minha conta. Devo, pois, saldal-a
Com Deus a minha divida. Desde hoje
Começo o cumprimento do meu voto.
Trez dias jejuarei—disse eu na formula,
Seja o primeiro este; n'esta casa
Não se accenda hoje lume.»

«E o meu almoço?»

Replica o Bonifacio em ira acceso.

III

Então é que ellas foram. Sustentava
Com velhas theorias de escholastico,
Onde apenas fervilham subtilesas,
Sustentava Paulino, que indulgencias
Plenarias concedia o padre-sancto
A todo o christão pio que zeloso
Pelos da egreja salutares dogmas
Um outro seu irmão á penitencia
E ao jejum convidar; logo era boa
A acção que defendia, e pois a achava

Tão do agrado de Roma e aos bons principios
Em tudo tão conforme, sustentava
Que preciso era que jejuasse aquelle;
Ergo jejuarás concluia o sabio.
Da outra parte lhe volve o antagonista
Derrubando o sobre-olho—A minha causa
Com mais fortes rasões é deffensivel
Pois eu voto não fiz de penitencia,
E só deve pagar quem fez a divida.
De mais a mais quem póde achar valia
Na acção que por forçada não tem merito?
Ergo, senhor, almoçarei.

Paulino

Em vão engrossa as largas cordoveias,
O pescoço distende, os olhos rasga,
Por demovel-o da opinião contraria,
Estribado nas leis da economia,
Nos velhos casuistas e nos padres,
Nas decisões da Egreja e n'outras provas
Que a burra de Balaão convenceriam;
O Bonifacio não recua um passo
Do campo onde assestou a bateria.
Acceita as provas e com ellas joga
Á face do inimigo. Este não cede
Do seu posto uma linha. Inclitos medem-se

Quaes *musicos* em rija sabatina.
De quem será a victoria? Quem ao certo
Dirá este é que vence? Ai! a que estremos
Não levas, opinião, quando desandas
Na teimosia ignobil da trapaça!

«Treguas, treguas, gritou roufenho o avaro,
Vou propor um alvitre: está presente
Quem póde decidir questões d'esta ordem,
Fr. Matheus que decida.»
«Pois decida.»

IV

Já na cadeira o enpantufado clerigo
Assume de sibylla os ares tetricos
E aconchegando aos pés as longas abas
Do comprido roupão, e pela testa
Correndo as mãos e o lenço, os olhos volve
Ora a este ora áquelle suspendidos
De sua boca inspirada. Alfim prorompe:

«N'esta questão, senhores, n'este pleito
Toda a prudencia é pouca, pois não basta
Ter ouvido e estudado casuistas,

Consultar sabios, e aprender a fundo
Da sagrada escriptura os graves textos.
Meus fracos cabedaes, sciencias minhas,
Se bem que n'um convento as hei bebido
Dos melhores auctores da escolastica,
Não posso encarecer-vos, nem me préso
De infallivel julgar casos tamanhos;
Mas já que emfim é força que o meu voto
Decida esta pendencia, vos declaro
Que na balança divinal mais pesam
As de Paulino allegações sensatas,
Pois não encontram prescripção divina
Antes lhe são conformes. Que o não fossem,
Mandam senhores e d'um servo é proprio
Obedecer em tudo cegamente.
Este é meu voto imparcial e franco.»

«Tal esperava, irrompe temeroso
Em tom ameaçador, bem que sereno,
Bonifacio que ao meio avança affoito;
D'um vil sem consciencia que mais póde
Esperar a justiça desarmada?
Paulino tem dinheiro e eu sou mais pobre
Que os miseraveis do official hospicio!...»

«Sem consciencia! insultas-me! e os respeitos
Que se devem de Christo aos sacerdotes?
Cala essa boca, misero lacaio!...»

«Respeito a vis jámais catei, nem cato!»

D'um pulo ergue-se em pé trepido o padre
Ferido em seu orgulho, e de olhos rubros
Injectados do sangue affluido ás orbitas:

«E tu quem és, ó creatura abjecta?»

«Não sou ninguem, mas sei que fui gerado
Pelo de todos monstro mais infame
Que aos altares de Christo ousados sobem!
Olha estas letras em meu braço abertas
Por algum ferro em brasa... Enfias, padre!»

«Meu filho?!... Pois é certo que inda vive
O fructo d'esse amor tão malogrado!...
Não póde ser! tu não me és nada; mentes
Tu mentes, charlatão!...»

«Mentem as letras
Que n'este braço me gravaste um dia
Quando aos peitos maternos me arrancaste

Para me expores n'um portal de rua?
E minha pobre mãe? oh! não me obrigues
Não me provoques, monstro! a que eu levante
O mysterioso veu que esconde os crimes
Do alcouce, onde a vendeste, onde a mataste!
E p'ra ti não sou nada! mal disseste,
Sou teu juiz, e teu algoz, quem sabe?
Teu filho é que eu não sou, pois não soubeste
Ser pae, quando os vagidos meus pediam
A um homem como tu doces carinhos
Que nem as feras a seus filhos negam!»

«Perdão.»

«Não te perdoo, crocodilo!
Mataste minha mãe, negaste o filho,
Não podes ser meu pae! Profundo abysmo
De ti me separou no berço ainda,
Nem minha mão já agora tocar póde
Na roupeta de um frade que em suas pregas
Traz occulto o punhal que me enxertára
No meu sangue infantil subtis venenos!
Odeio-te, Matheus, e a braço armado
De ora ávante encontrar-te só anhelo!
O vosso imperio, bandoleiros padres,
Libertinos do altar, sacras harpias,

Vae acabar emfim! O povo se ergue
De cruz alçada contra os vis hypocritas
—Que o jejum pregam a estoirar de fartos!—
De Deus a religião pura e sanctissima,
Dos ceus a caridade, a fé e a esperança,
De Deus tudo queremos, de vós nada!
Não sou teu filho, padre, que uma fera
Não tem por filho quem a Deus respeita!»

«Não te cances, rapaz, tuas vãs palavras
Tenho na conta que merecem.»
N'isto
Volve um sorriso de gelar, e parte-se.

V

De tal scena atterrado Segisberto
Entre mil coisas balançando ambiguo
Na cadeira estanceia mudo, immovel!
Quem te acordara humanisado silex!
Acordou, viu-se só, olhou em roda
Esfrega os olhos, examina, attende
Nem Fr. Matheus, nem Bonifacio enxerga.
Então, quem tal diria? da ampla boca
Estrepitosa gargalhada expelle!

Que idéa pela mente lhe ha revoado?
Altos mysterios de traiçoeiro avaro!
Tinha enganado a Deus! A escora fetida
De já podre cadaver não imita
A sordidez do espirito avarento.
Sabeis o que é do avaro a alma faminta?
Tentae laval-a com as benzidas aguas
Lustraes da contricção, d'ellas abusa.
Fica mais negra mais monstruosa a nodoa!
Senão vêde esse canto que em voz baixa
Ficou Paulino a murmurar sósinho:

VI

«Irei de noite á egreja
Solver meu triste voto. A quanto obrigo
Meu pobre coração!
Procurarei das sombras o abrigo,
E talvez que a Mathilde me não veja
Em tanta humilhação.

Assim que a noite desça,
Descalçarei as botas; e disposto
A quanto acontecer
Irei. Hei-de furtar-me a algum desgosto,

Pois abrigado pela noite espessa,
Quem é que me ha-de ir vêr?

Pensei n'isto comigo.
Das ruas que me importa a pedra dura,
Se me não vê ninguem?
Descalço! Pelas ruas d'amargura
Estão os cabedaes, e assim consigo
Poupar algum vintem!

Irei descalço á egreja,
Mas ha-de ser de noite; quem me visse
Rasgando os pés no chão,
Sorrindo-se diria—que doidice!
Arriscar-se a que o mundo assim o veja!
Que triste condição!

E eu a sorrir, contente,
De Deus e dos mortaes. Em quanto a ella,
O meu sagrado amor,
Por certo não me vê da alta janella,
Arrastando o grilhão de penitente
Ao templo do Senhor.

E depois meu azeite?

Hei-de levar a lamparina cheia?
Com isto é que me inquieto.
Mas qualquer pinga d'oleo remedeia,
Deus só pertende e a Deus só é acceite
O interior affecto.

Embora: poupo em solas
Esse azeite que a minha indiscripção
Me levou a gastar,
E depois o jejum a agua e pão!...
Ó clausula feliz, tu me consolas!
O meu voto é poupar!

Agora que me falem
Á mão esses famintos peralvilhos
A quem encho de espanto;
Hão-de morrer á fome com seus filhos
Por mais que elles se matem e se ralem
E eu folgo, rio e canto.

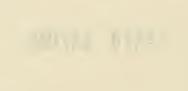
Mas eu disse no voto:
Pelos pobres da minha freguezia
Distribuirei um pinto,
Esta idéa de fogo me asphixia,
E d'um cahos horrivel o alvoroto

Na cabeça persinto!

Um pinto é muito!
Da sancta economia as leis viola
Quem diz que um pinto é pouco...
Um pinto bem contado é mais que esmola,
Eu não soube o que fiz, e a mim pergunto
Porque fui eu tão louco!

VII

Transfigurou-se-lhe o avincado rosto
(Maravilha de vêr-se e de contar-se!)
Quando aos labios lhe affluiu blasphemia tanta
Assim ás vezes na impulsão violenta
Do *espirito* indomavel se esgaseia
Em contorções o rosto do possesso!
Oh Cyreneu faminto, não sabias
Quanto pesa em teu hombro uma cruz d'oiro?
—Bem poderas, ó sol, da vista d'este
Teus raios apartar n'aquelle dia!—

CANTO SETIMO

CANTO SETIMO

I

Já começam as sombras de empastar-se,
A escura noite as azas dilatando,
Pelos da rua emmaranhados becos.
No ar, do sino a voz consoladora
Leda e saudosa brandamente escôa
O tom da ave-maria. Nas esquinas
Já tremulusem os lampeões accesos
Do irradiante gaz, e as namoradas
De todo um dia de costura vingam-se
N'um suspiro que timido se exala
Dos doces labios do D. Juan que passa.

Desceu a escura noite. Era chegada
Do trance doloroso a hora tremenda.

O voto estava feito, era impossivel
Occultal-o já agora; solver cumpre
O horrivel compromisso; inexoravel
Deus não perdoa mal compridos votos.
Voltam as almas a este do outro mundo
Penar, em quanto por solver existe
Promessa feita e não cumprida em vida.
Ananias moderno, o Sancto Espirito
Prescruta e lê no íntimo das almas
O segredo mais íntimo, e ainda tentas
O promettído sonegar! Ao egoismo
Jogas da religião as leis sagradas
Antepondo á lealdade o brilho do oiro!
De ridiculo, ó meu Shylock das duzias,
O mais sagrado emblema, a cruz de Christo,
Cobres, se alguma vez a traficancia
Nas sortes da agiotagem te falece!
E ficas-te sorrindo!... Estou vingado,
Esse rir não é teu, é o do maldicto.

II

Mil phantasmas a mente lhe devastam,
A cruz do seu flagicio ergue-se escura
N'um quadro horrivel de dizer-se. A angustia

De se vêr já tão proximo ao supplicio
A voz lhe toma, os seios dilacera,
Forças lhe rouba. Pelas vastas ancas
De Segisberto grande susto espalha
Um diluvio de suor. Nem já um passo
Lhe diz o coração que dê. Fronteira
Tem da despensa a ennegrecida porta.
Abril-a é vêr em lucido cortejo
As vermelhas salchichas, gordos paios,
As brancas pás do alemtejano porco,
E de Lamego um renque de prezuntos
Que estão a cavalleiro *(horror me quatit!)*
D'um botecudo e venerando pote.
Ali no ventre d'esse vaso informe
O sumo existe do afamado fructo
Que descobriu Minerva. Ali demora
O liquido oleoso, onde navega,
Em risco de naufragio, a salaz indole
Do misero argentario. A chave em punho
D'uma das mãos lhe pende, em quanto da outra
Cambaleia no ar vetusta lampada.

Deixae passar. Meditabundo arrasta
Os tredos passos á mansão escura,
Na qual de azeite a lampada encher possa,

Á ucharia vae. Triste, scismando
Talvez em novo ardil, novo sophisma
De illudir a justiça que o condemna,
Arrastado prosegue, como ás vezes
Ao matadoiro a rez invita sobe.
As pernas bambas tremem-lhe, recusam-se
A proseguir na dolorosa via.

Já se encosta ao hombral da velha porta
Em frente da cosinha, e forças novas
Julga cobrar d'est'arte. Eis se não quando,
—Oh que não sei de nojo como o conte!—
Um vapor suavissimo e tão suave
Que nem a ambrosia, a mais estreme, o excede,
Appetitoso, seductor, lhe attinge
Da pituitaria o nervo mais sensivel.
Dilata as ventas, mais o cheiro acolhe,
Medita sobre o caso e o caso o espanta.
Já se julga illudido pelo olphato,
Já se assegura mais e aspira sofrego
Em cheio quanta baforada ascende
Da inferior cosinha aos corredores.
Ai! se os sentidos o enganassem!... Quantos
Centos de vezes não corrigem olhos
Idéa sobre o olphato architectada?

Quer vêr e examinar, e abrindo a porta:

«Meu Deus! Se ao impio de Osa fulminas-te
Só por tocar tua arca, porque os raios
Da tua ira suspendes, que não partes
Quem do jejum em menoscabo, insulta
Os que á tua lei se rendem penitentes?»

D'um tom horrendo e cavernoso exclama
Ao defrontar lá dentro Bonifacio
De mesa posta, á farta saboreando
Tranquillo, sorridente, voluptuoso,
Opiparo manjar.
Enfia o avaro,
Leva as mãos á cabeça, espuma e raiva
Minaz, febrecitante, e por desforra
Obsceno palavrão lhe atira ás faces,
E dando ao beque na ucharia se entra
De candeia na mão, colera n'alma.

III

Era de vêr o caso pavoroso
Que ora absorve o espirito do avaro,
Já não tanto do vil procedimento

Do Bonifacio se lamenta, mores
Cuidados lhe andam revolvendo na alma.
Vae realisar-se a mal pensada clausula
De encher de azeite a lamparina!

«Vamos,

Tem coragem, Paulino, arduo é o trance
Mas para a lucta é que nasceste; adiante,
Quem faz promessas rasão é que as cumpra...
Algumas gotas de oleo... e tanto basta
Para que Deus nossa intenção acceite.
Um gole apenas, mais um fio... pára
Imbecil perdulario, não derrames
Alguma loira lagrima preciosa
Por esse triste chão de meus peccados.
Meia de azeite vae, candeia... basta.
E tu, pote sublime, engrandecido
Pelos feudós continuos da agiotagem,
Desculpa d'esta vez, que outra não torno
Mais a sangrar-te assim inutilmente.»

Disse e descalça logo ali as botas;
Candeia em punho; e o turgido capote
Aos hombros faz montar. Sobre a cabeça
Atira o cabeção de grossa felpa
E na das abas roçagante roda

Occulta o resto e surrateiro parte.

IV

Vêde-o passar agora, além, já longe.
Vae cosido ás paredes, vae na sombra,
Em direcção do templo, assim descalço
Que Mathilde o não veja; lá se some.
Nem alma viva pelas ruas passa,
Nem luz de entre as janellas bruxelea!

Mas quem á estrella sua fugir póde?
Mal se precata, quando ao perto sôa
Voz argentina de mulher cantando:

«Porque te escondes, ingrato?
Tu foges de uma mulher
Cujos peccados no mundo
São amar-te e padecer!

Porque te vaes, horas mortas,
Por essas ruas perdido?
Quanto mais tu me fugires
Mais me ficas no sentido!»

Nem para traz olhou de tanto enlevo
Em que lhe pôz o canto, o debil cerebro.
Bem conheceu a voz, de Mathilde era
Que o lubrigou a perpassar no escuro.
O mesmo timbre, a accentuação a mesma.
D'aquella voz, ali outr'ora ouvida
Para seu mal... a chocarreira mofa
Nos cantos da sereia disfarçada...
Ó memoria infeliz! O veu de novo
Á triste scena do passado apanha.
Como fitas de fogo pela mente
Passaram-lhe, fugazes meteoros,
Um por um d'essa noite os arduos lances
Velvida á porta d'ella. Como appendice
Veio o chapeu tambem de cinco pintos
Que o vento aos atros ares lhe atirara.
Debuxam-se-lhe na alma as côres negras
Da scena do postigo... Mas de luzes,
Todas de esp'rança, o quadro se illumina,
Pelos encantos de uma idéa subita.
—Bonifacio jurou, juras acato,
Que de Mathilde o amor não era um sonho,
Antes propensa a meu amor se ha visto.
De outro lado Matheus, com manhas varias
Trazendo-a ao meu redil, a extraviada...

Oh! d'esta vez em ti, Mathilde, creio.—
Pensando n'isto foi andando, andando
Até que ao adro chega e reverente
No templo do Senhor entrou, bisonho.

V

Não sei se vós já fostes, horas mortas,
Egreja a dentro, cathedral escura,
A sós com a noite em ermo desamparo.
Não vos põe medo esse apparato funebre,
Do nada a magestade surprehendente,
A morte a rir da vida em cada lampada
Que está quasi a finar-se? Em cada ogiva
De entre as sombras rasgada na parede
Por mysterioso artista, não parece
Que vos espreita um vulto, uma cabeça?
Tentae voltar os olhos; horrorisa
Cada sombra que treme e balanceia
Como em dança nocturna um bando de almas
Taes quaes no imaginar as finge o povo.
Haveis de vêr então escripto em pedra
O longo poema das visões da noite
Á luz flebil da tocha que illumina.
Bem como do luar restea mal coada

Pelas frestas de um tumulo. Distante
Lá no recanto escuro do sanctuario,
Que um transparente veu a furto esconde,
Sósinha vigilando a luz da lampada
Suspensa a bruxelear é como um cyrio
A arder ante um esquife. Geme o vento
Na bramidora crypta, ou no reconcavo
Das lateraes capellas? rir diabolico
Nos terrorisa e o sangue tardo gela!
Algo sentis de medo. Refrangendo-se
Os raios parvos nas paredes brancas,
Insolita imponencia! dão o aspecto
De uma longa mortalha que estendessem
Em todo o comprimento pela nave!
Depois longo silencio. Quem não sonha
N'essas horas de horror nos mil phantasmas
Que vem soerguendo a fronte ao res da campa?

E pensaes vós que taes lembranças vinham
Conturbar do agiota o grande espirito?
D'um avarento na alma só um medo
Póde imperar terrivel—o receio
De um assalto nos cofres, ou o perigo
De lhe caír no chão por um descuido
A migalha da mesa. Assim Paulino

Está como que absorto contemplando
Os já minguados restos que alimentam
A custo a lamparina. Em vão desvia
Os cubiçosos olhos.—Ai! supplicio!
Que me arde todo ali meu pobre sangue!—
Em vão: a luz da lampada o aniquila
E de joelhos gemendo se resigna.

Meu Harpagão ignobil, que miseria,
Que assim te afogas n'uma gota de oleo!
Porque não oras? porque em vão te estorces
Como a serpente a quem partiu o dorso
Algum pastor á beira dos caminhos?
Bem te conheço as manhas; és perverso
Como a raposa. Eu bem soletro e entendo
No esgar d'esses teus olhos que medonha
É a tua idéa agora. Estende os olhos
Para o altar da Virgem, mãe dos homens.
Que argenteos castiçaes, como elles fulgem!
Provocam-te o appetite? são tão lindos!
Que boa prata, que arrendado artistico!
E essas cruzes do altar, oiro genuino?
Que espelho tão polido! es proprios olhos
Cegam de tanta luz! Olha que pesam
E valem muitos pintos, mas não ouses

Lançar-lhe a mão sacrilega! Não tentes!...
Retira o braço, ratoneiro, espera,
Suspende tentação, curva-te, avaro!

VI

Não se curvou, mas antes resoluto
A ausentar-se d'ali, como um possesso
Leva as mãos á cabeça e todos junctos
Arrancara os cabellos, se os tivera!

Deixa-me rir de ti, pobre Paulino!
Ó Prometheu sublime, acorrentado
Á rocha, de olhos postos no infinito,
Nada soffreste, heroe, se bem cottejo
Teu mal aos males d'este heroe moderno!
Ó Tantalos da dor, vossos martyrios
Junctos não valem a agonia lenta
De quem, mau grado seu contempla e sente
O gume de uma luz, em ar de pua,
A farpeal-o no intimo dos seios!
Luz que mais fogo tem que o proprio raio,
Mais aterra que um Jupiter tonante,
Mais que Vulcano labaredas cospe.

—Arde-me todo ali meu pobre sangue!
Desforra grande aos grandes prejuizos!...
Deus está pago, aos castiçaes me atiro!—

Ia a lançar a mão, quando reboa
Da cathedral na abobada profunda
Gargalhada estridente, horrenda, rouca.
Tenta fugir, mas onde refugiar-se?
Que altar seguro asylo ao impio outhorga?
Covarde! empallidece, os membros tremem-lhe
Como a junça dos ventos açoitada!
Põe-se a correr á solta, o horrer o toma;
Quer fugir, pára em meio, horrivel caso!
Caíu no chão de bruços fulminado.

VII

Hora depois era passada a syncope.
Foi erguendo a cabeça manso e manso
E olhando em roda, mil espectros varios
Parecem perpassar ante seus olhos.
Ouviu-se um expirar como de mortos,
Extinguira-se o azeite. Oh! providencia!
Ergue-se em pé o avaro; e a mão tremente
Á lamparina estende e sem mais tir-te

Apanha as abas ao capote e escoa-se
Egreja fóra até que ao adro chega!

VIII

Então detraz de antigo, alto cypreste
Lhe occorre uma figura feminina
Não vestida de branco, mas angelica
Quaes visões de uma noite em sonhos lindos.
Ia a fugir-lhe já, quando a beldade
Lhe toma a dianteira:

«Anjo purissimo,
(Desculpa o tratamento) esposo amado
No recesso mais íntimo d'esta alma,
Quiz provar até aqui tua constancia,
Firmar-me na verdade d'esse affecto
Que tanto me juraste. Reconheço
Depois de tantas provas quanto vale
A grandeza d'essa alma que me offertas.
Não posso mais dizer-te, amo-te muito,
De hoje em diante és meu, toda sou tua.»

«Que dizes tu, Mathilde? pois é certo...
Já me não queres mal?»

«Amo-te muito.»

«E eu tão ventoinha que pensei que nunca
Volverias a mim olhos piedosos!...
Deixa-me rir agora...»
E ficou serio.
Porque seria aquillo? Irreflexivo
Poz os olhos no chão, viu-se descalço
Ante Mathilde, que vergonha! Emtanto
Finge que tal não vê a linda moça
E d'est'arte prosegue:
«Eu não podia
Por mais tempo occultar tão grande affecto.
Tu és a minha vida; se me faltas
O que farei na terra? Um só instante
Que eu passe sem te vêr, toda me ralo.
Hoje viver sem ti é-me impossivel.
Quero morrer onde morrer tu fores,
Sou tua escrava, leva-me comtigo.»

«Ó meu anjo da guarda, ó meu thesoiro,
Dá-me o teu braço e vem; serás rainha!»

CANTO OITAVO

CANTO OITAVO

I

Já distendido vezes tres a noite
Ha pelo espaço a clamyde luctuosa
E do roxo oriente o sol tres vezes
De novo ao mundo o veu tem levantado.
Eil-o cumprido o voto; aos numes graças!
A quadra venturosa dos amores,
Sonho de ha tanto, emfim eil-a que chega.
Dia de gala é hoje, hoje de rosas
Se vestem ceu e terra: dia de annos!
Vespera de noivado! viva o gaudio!
Olhar no ceu que se desdobra em flores
Por essas nuvens matinaes, risonho,
Posto á janella, Segisberto canta:

«Por ti gemi na angustia tantas maguas,
Por ti cavei tão fundo a sepultura,
Que meu peito incendido em grandes fraguas
Já nem sonhar podia co'a ventura.

Julguei-te mais cruel do que tu eras,
E enganado vivi n'aquelle engano.
Eu não podia amar senão de veras
E pensei que morria antes de um anno!

Mas Deus que tem por nós immenso amor,
E é pae como na terra não achamos,
Podia-me deixar na minha dor?

Velou a providencia sobre mim,
Pois quando na ventura mal pensamos
Encontra-se por fim!...»

Depois de larga pausa o canto reata:

«E porque não havias de ser minha
Se esta alma e coração e meu pensar
E tudo quanto eu tinha
Gastei só no prazer de te adorar?»

Roçar leve de saias o interrompe.
No pensamento alheado suspendido
Volta a face e repara: Lais não era
Nem a Venus de Cós mais seductora.
Os caracoes do nitido cabello
O jaspe do pescoço lhe obumbravam,
Tal a opulencia das compridas comas!
Seio nú, qual o de Arria; fresco lirio
Que se abre em duas folhas manhã cedo
Eram os labios d'ella, e os olhos fulgidos
Gotas de orvalho sobre folha tremula.
Vestido branco, já não saia curta,
A brisa da manhã lhe revolvia.
Assim o vento agita a larangeira
De flores avergada. Eil-a, Mathilde.

II

«Mal vem saíndo o sol, e já desperta
A minha branca pomba! fala, explica-me
D'esta surpresa a causa; que motivo
Te trouxe aqui tão cedo?»
«Na minha alma
Sentia coisa estranha, ancia tam grande
Como nunca a senti em vida minha!

Minha voz archejava, e como nunca
Meu coração batia. Em sobresalto
Acordei de repente, eis se não quando
Senti ó ceus! não sei que doce musica
N'um extase enlevar-me. Estremunhada
Levantei a cabeça; mais destincta
Murmurava uma voz que se carpia
Tão flebil, tão accorde, e tão suave
Que eu me julguei no ceu! Sentia os anjos
N'um ethereo concerto hymnos cantando!
Era a tua voz maviosa, soube tudo...
Louca, sem de mim dar exacta conta
Levantei-me n'um ai para dizer-te
Nem eu já sei o que... se eu te amo tanto,
Que até parece que este amor é um sonho!»

«Santo nome de Deus! Fazes-me doido
Com taes denguices. Olha que eu não posso
Com tamanha impressão. Esta alegria
Vale-me dores mil, oh! não, não digas
O que sentes por mim, que eu endoideço!»

«Se eu não posso occultar tão grande affecto!»

«Como és bondosa!»

«Agradecida apenas.»

«Ainda em cima lisongeira! ó filha,
Que alegrias são essas, não me dizes?»

«Pois não hei-de alegrar-me? Dos teus annos
É hoje o dia tão solemne, e a vespera
Da nossa união ante os altares,
Dia por certo o mór que em vida temos,
E havia de minha alma a tantos jubilos
Ingrata, subtraír?»
«Deus te agradeça.»
Marejavam-lhe as lagrimas nos olhos,
E n'esse extremo de ternura, supplice
O joelho põe no chão! Quem resistira?

III

Levada a coisa a tal extremo, o filho,
O proprio filho de Jacob, nem esse
Teria mão em si. Se não dizei-me,
Castissimos leitores, poderieis
Prevalecer á tentação? Paulino
Que era de carne e osso e lia o Genesis
E não se lhe apartava um só momento

Da memoria tenaz a gulodice
Do *crescite* fatal, ia disposto
D'aquella vez a completar o verso,
Fazendo pelo abraço a rasão de ordem.
Quando á porta assomou austero um vulto
A morder um sorriso; Bonifacio!
Era de Banco a aterradora sombra!

IV

«Bons dias, meus senhores, perdoae-me
Se importuno interrompo a vossa pratica.
Pouco tempo vos tomo, o quanto baste
Para dizer-vos que hei disposto as coisas
Para que em tudo a festa seja digna
De tão alto senhor...»

«E da senhora,
Deves dizer tambem; pois não te lembras
Que a despeito do voto e dos conselhos
Do astuto Fr. Matheus hei resolvido
Por laços insoluveis meus destinos
Unir aos d'esta dama, bem que é certo
Que ha trez dias em tal nem pela mente?...
Se eu d'ella as prendas tantas ignorava!
Ante Deus ámanhã esposa minha»

Será esta senhora; assim desejo
Que como tal a tenhas de hoje em diante.»

«Perdoae-me o descuido e vós senhora
Venia me outhorgareis, pois mui *bondosa*
Ha muito sei que o sois...»
O fino melro
Foi arrastando a phrase maliciosa.
Perfeitamente os dois se comprehenderam.

«Mui bondosa, disseste (accode o esposo)
Quem melhor do que tu seus altos meritos
Póde testemunhar em raso e em publico?
Por tua intervenção principalmente
Vejo a meu lado aquella por quem morro.
A ti devo este dia. A ti os sonhos
Que hei-de sonhar n'um proximo futuro!
Agradecido sou, cres-me?»
«Oh! se creio!
Como acredito na pureza intacta
Da virgem que ante nós abate os olhos
De pejo e de modestia...»
«Se ella é sancta,
A pobre da Mathilde, cuja culpa
No muito que me estima se resume!

A honra d'esta senhora! quem disputa
Do corpo seu e da alma immaculada
A virginal pureza? Ha já tres dias
Que em minha casa a tenho e n'este tempo
Outro fosse eu!...»
«Perdão, ninguem duvída
Das vossas boas intenções...»
«Senhores,
(Accode então a pudibunda esposa
Ao chão baixando os párpados modestos)
D'uma senhora honesta na presença
Falar em taes assumptos não é dado.
Cavalheiro é Paulino, e Bonifacio
Creio sel-o tambem!...»
«Sancta palavra!
Não falemos mais n'isto, á festa, á festa!
Bonifacio, á pericia tua incumbe
O programma, que espero faça inveja
Ás côrtes mais luzidas. Convidados
Já foram os que disse?»
«Todos foram.»
«E Fr. Matheus?»
«Havia de esquecer-me
Do vosso predilecto?!»
«Bonifacio!»

«O vosso, disse, pois sabeis de ha muito
Que um fundo abysmo o vil de mim separa!»

«Teu pae é... mas emfim, atando o fio
Do quebrado discurso—olha não falte
O melhor da funcção que é sempre o vinho.»

«Não faltará e affiançar-vos posso
De que melhor, do que este preparado
Que tenho a vossa mesa e aos vossos hospedes
Certamente não era o bom falerno
De antigos tão gabado. O Anacreonte
Nem todos quantos beberrões o Lacio
Produziu em seu seio, de igual pinga
Se regalaram nos saturnios tempos.
Só contemplar a gente os arrendados
Que o letreiro circumdam das garrafas
Dá taes arrepelões na guella rabida
Que chega tentação de engolir tudo
Vinho e botelha a um tempo. Finalmente
Nem um real me resta...»

«Bem entendo,
Bem percebo o que dizes; é preciso
Mais algum, não é assim?»

«Vós o dissestes!»

«Está dicto, rapaz; em dia de annos
Que não haja miseria n'esta casa.
Ahi tens essa bolça! Saibam todos
A quem chegar noticia d'este dia
Que festa mais luzida não se ha feito
Ha muito n'esta terra. Economias
Bom é fazel-as quando o caso as pede,
Mas hoje que eu possuo o que ha no mundo
De mais formoso e guapo, oh! que ventura!
Fôra villão se me poupara a gastos!»

Disse e pegando pelo braço á esposa
As largas salas a passear transcorre.

V

N'estes affans de boda e mil cuidados
De official mordomo, Bonifacio
Anda n'um rodupio, mas os olhos
Da môça não levanta, ella á sua parte
Faz quanto póde n'esta scena incrivel.
Scena incrivel, disse eu; emfim *quod scripsi*
(Como Pilatos) *scripsi;* não retiro.
Se a rir fallar, a serio não emendo.
Saiba-se pois que a scena é temerosa

E qualquer gesto, ou indiscreto lance
Póde aluir meu edificio. Atando
De novo o debil fio do meu conto,
O Bonifacio não retira os olhos
Da disfarçada virgem... Outra pausa
Ao benigno leitor peço que faça
Para notar aquelle «virgem». Saiba-se
Que o puz a fim de encher um triste metro
Que não para imitar o bom Virgilio
Que (Deus lh'o pague) prostituio o termo
Referindo-se áquella tal Fenissea
De quem disse o Bocage... emfim silencio!
Em qualquer coisa ha-de matar-se o tempo,
O meu passo-o a cantar, quando não choro.
E quanto mais á roda me anda a bola
E da fortuna a roda mais avessa
Então, que genio o meu! a rir me fico!
—E digam lá os sabios na escriptura
Que mysteriós são estes da natura!—
E lá me torna a descambar a... veia
Nas longas digressões. Vamos ao caso.

VI

Vae o sol a finar-se; hora saudosa

Para evocar os mais ardentes sonhos
De uma festa de amor, hora jucunda
Para as festas do estomago. Esperando
Pelo jantar conversam os convivas,
Já irrequietos, pelas largas salas.
Algum já do relogio arranca e as horas
Vae fazendo lembrar. Porque se espera?
É quasi noite, diz um velho abade
Vingando-se em cantar um *lux perpetua*
Ao som do espirro que o simonte evoca.

Eis que apparece Fr. Matheus, silencio!
Vae começar o prandio, a hora é dada.
De braço dado vem Paulino himpando
De orgulho porque á dextra vem Mathilde.
Abrem alas, cortejam-nos, acatam-nos
E arrastando as cadeiras vão logares
Tomando cada um. Na cabeceira
Paulino Segisberto se repimpa
E ao lado põe a idolatrada esposa.
Em frente Fr. Matheus, triste e sombrio
Grave se senta e mudo se conserva.
Passa por elle o Bonifacio a rir-se,
Rir que põe medo. Mal o encara o padre.
De toda a parte os olhos se dirigem

Para os olhos do conego; desprende-se-lhe
Um brilho estranho que retalha, e espanta!
Paulino Segisberto não occulta
A commoção interior e erguendo-se
Pergunta a Fr. Matheus se incommodado
Se sente? Não responde: então Mathilde
Com acento solemne accudiu lepida:

«Peço perdão, senhores, se a alegria
Perturbo d'esta festa, mas offensa
Maior seria se cumprindo aos donos
D'esta casa, expulsar quem a deshonra,
Deixassem no logar de cavalheiros
Sentar-se um ruim villão. Esta que vêdes
Pobre mulher, inerme, tem coragem
Para dizer e defender com provas
O que avançar aqui. Esse mesquinho
Que chamam Fr. Matheus e a quem o mundo
Chama talvez honrado, não merece
Sentar-se ahi ao pé de vós. Deshonra-vos.
Da religião de Deus as leis insulta,
Das leis dos homens tem zombado impune.
O calix prostitue e das familias
A dignidade desacata!... Falo
Não pelas outras, mas por mim. De morte

Fui perseguida pelos vis instinctos
D'esse covarde monstro que não teme
Atraiçoar amigos, pois mil vezes
Quiz arrastar-me ao leito das devassas,
Só por traír Paulino, que os segredos
Mais intimos a um vil tal confiava!
Vejam, senhores, se elle me desmente!...
É pois verdade quanto digo e agora
Que expediente tomaremos? vêde!»

Subitamente os olhos flamejaram
Nas roxeadas orbitas de todos.
Paulino mal sustendo a raiva ruge
Em tom intercortado e cavernoso:

«Fr.Matheus, Fr.Matheus, que me enganavas!
Tarde te conheci, mais te não vejam
Olhos de homem honrado! Has-de pagar-me
Por uma vez affrontas taes e tantas!
Bonifacio abre a porta, expulsa este homem.»

«Boas noites, senhores, eu retiro-me
Sem que preciso seja o incommodarem-se.
Assim se offende a religião de Christo
Na pessoa de um seu representante?!

Ah! se eu não fôra um sacerdote!»
Ainda
Continuava quando as mãos nervosas
De Bonifacio cáem desapiedadas
Sobre as orelhas do farçante conego
E longamente o arrastam.
Pavoroso
Foi o preludio de um jantar de festa.

CANTO NONO

CANTO NONO

I

Um após outro o espirito recobram,
Aquietam-se os convivas e do espanto
Voltam a si, os rostos serenando.
O joco e o riso já nos olhos brincam,
E nas troncas palavras, miscellanea
De prazer e de medo, se debuxa
Do mal passado o temeroso quadro.
Algum se lembra então dos seus bons tempos
Tempos gloriosos de uma edade heroica
Em que nas feiras, de cajado em punho,
De *varredor* ganhára o nobre titulo,
E o braço arregaçando cabelludo
Por elle jura, praguejando, a affronta
Lavar no sangue do sagrado monstro

Outro de olhos accesos pela colera
A Segisberto e aos circunstantes pede
Que o deixem ir d'ali já, sem detença
Acachapar o craneo ao padre indigno
Que veio com tal cynismo presentar-se
Á propria mesa do traído amigo.
Outro que os olhos tinha arregalados
Contra um presunto de Lamego, e certo
De todos era o de melhor aviso,
Propõe que a Fr. Matheus as casas ardam
Mas depois de jantarem. N'este alvitre.
Que a prudencia dictou, os circunstantes
Benevolos concordam, e jurando
Pela terrina onde já fuma a sopa,
Conclamam indignados que vingança,
Alta vingança, tomarão do biltre
Logo que o prandio rematado seja.

II

Deu-se o caso, que então roia as unhas
Por se entreter, n'um angulo da mesa
Um velho sacerdote, respeitavel
Pelos da infancia grandes desvarios
E agora pelos annos e prudencia.

Este se ergueu, levando á boca o lenço
Para conter do flato a impertinencia
E entre-grunhindo já flebil boqueja:
—Que era de opinião que principiassem
O jantar sem demora; que perdido
Era o tempo em tratar questões estereis;
Que de christãs e generosas almas
Era impropria a vingança; que perdoassem
A um padre infame que julgado estava
Do mundo e dos collegas; que o seu voto
Era que se esquecessem do incidente
Tão improprio de um dia tão alegre;
As bocas abluissem, pois deviam
Purificar-se para a festa sancta,
Qual é a de annos, qual a de umas bodas.
Foi approvado por concerto unanime
O esclarecido aviso, e assim concordes
Cada qual seu talher empunha e avança
Com destemido arrojo, desbastando
As longas filas dos variados pratos.

Já prasenteiro ri o bom Paulino
Arrevirando os olhos amorosos
E satisfeitos á querida esposa,
Que de affrontada está mais bella agora.

III

Começa a reinação e os bons comparsas
No melhor dos festins pantagruelicos
Desempenham-se á grande dos encargos
Da pingue sopetana. Era de vêr-se
Como dos pratos rapido voavam
Das carnes as pyramides soerguidas.
Napoleões famintos, mal que os olhos
Na acropole adiposa topetavam,
Vorazes porfiavam logo os dentes
Na ruina das moles sotopostas.
Era guerra de morte ás iguarias
Que mal na mesa despontavam, prestes
Aos sepulchraes estomagos desciam!
Ha tal que de um presunto de Montanche
Tão sómente o pernil deixa na mesa.
Outro se atira á polpa da orelheira
Do transtagano bruto, e ali se ceva
Como um javardo a refossar na pia.
Outro apregoa e tece mil louvores
Ás queijadas de Cintra, aos ovos molles
De Aveiro, e de Coimbra ás arrufadas,
Sem omittir de Cellas os productos,
Os mais selectos na arte cullinaria,

Pasteis de Sancta Clara e de Tentugal,
O leite creme, a tejelada e em summa
De quantos vae provando aureos manjares.

Era vêr e pasmar! Lucullo ou Cresso
As rendas não teriam que bastassem
A saciar taes odres! Pois o vinho?
Era encher, despejar e venha o resto!
Ali figura o Porto, ali Bairrada,
Ali a Beira, ali Setubal pingue,
Á Malaga e a Champagne quinaus dando.
Ó fructos doces da Campania e Baya,
Vinhos de Cécuba sublimes, vinde
A Portugal de inveja remorder-vos!

IV

Já mil motejos pelo ar se cruzam,
Cruzam-se os copos e as saudes voam
Repetidas dos labios entre-abertos
Pelo calor e pelo riso. Varios
Já de novo se empinam cheios copos
E nas fauces com ancia deborcados
Vazios cáem sobre a larga mesa.
Atracção infernal! As rubras taças

Tem espuma de fogo e os tristes peitos
Em labaredas ardem! que delirio!

V

Ergueu-se então com os olhos injectados
De sangue ou vinho o heroe d'esta reinata.
Compõe o lenço do pescoço e o gesto
Á gravidade propria coadunando:

«Por vós, exclama, devem ser de sobra
Bem avaliadas, longe conhecidas
As aventuras d'esse heroe troiano.
Que Eneas pio se chamou em vida.»

«Bem conhecidas são» todos regougam.

«Pois bem já que assim é, volve o tribuno,
Ao certo avaliareis meus tristes fados,
Que menores não são que os fados d'elle.
Filho de um capitão de antiga stirpe
Em longes terras hei nascido. Os fados
Não me deixaram vêr olhos maternos
Fixos nos meus, beijar de mãe os seios,
E sentir o que só se sente quando

Sonhamos no seu collo. Em verdes annos
A perdi. Tal lembrança me repuxa
As nunca extinctas lagrimas! Senhores,
Pela ventura que perdi, perdendo-a,
Pela saudade que a chorar me fórça,
Uma saude aos manes d'ella... vamos.»

Urraram todos «Pelos manes d'ella.»
E a taça rubra aos rubros beiços levam.

VI

«Silencio! continúa, em verdes annos
Como disse a perdi; fiquei sósinho
Nos braços de meu pae, velho, cansado,
Doente e gotoso, bem que prasenteiro.
D'aquelle Anchises eu o Eneas era.
Ledo vivi na infancia sem cuidados
Em companhia d'elle. Os mais rapazes
Viam em mim um certo quê de grande
Quando ás vezes á tarde me avistavam
A cavallo na espada ferrugenta
De meu valente pae, no adro da aldeia.
Na escóla é que era vêr-me! Em punho a ferula
E o bom do meu Virgilio sobraçado.

Ninguem mais longe impulsionava a barra!
Da sabatina sempre os verdes louros
Minha fronte enramavam. Ninguem disse
Do padre mestre na afamada escóla
Que Paulino ignorou do P'reira as regras
Ou ponto escuro em velho Tito Livio.
Chompré tinha-o de cór e tão presente
Que as lampadas levava ao proprio Homero
Em questões mythologicas. Sabido
De tal geito era eu, que nem meu mestre
Ousava interromper-me sobre a Fabula
Grega ou latina, em cujas altas sciencias
Quinaus mais de uma vez grandes lhe dera:
Pelo que, força é, porque negal-o?
Por esse biltre fui expulso da aula
Em virtude de uns versos innocentes [1]

---

[1] Diziam assim os alludidos versos que fielmente transcrevo:

«Acercae-vos de mim alado inchame
De meus discip'los que aspiraes á gloria,
Quero fazer-vos um profundo exame
D'um ponto errado que se lê na historia.»

Isto dizia um padre mestre; e o rosto
Devolve ao seu Virgilio, e ao Diccionario
Que sempre tinha sobre a mesa posto
Ao pé da palmatoria e do breviario.

Com que a musa travessa me brindára.
Se os versos de Virgilio me accordaram
Esta veia immortal com que me ufano!
Emfim sonhando e rindo a vida minha
Discorria feliz; mas este engano
A fortuna não quer que dure muito.
Um dia appareceu no ceu um signo

«Vou descobrir-vos um feraz thesoiro,
Cujo segredo ás gerações envio,
Segredo mais valioso de que o oiro
Do enorme Rotschid; eu principio:

—Ar de guerreiro em frente do inimigo,
Lutea escodella em vez de capacete,
Manoplas d'algodão e sobre o embigo
Pendente do boldrié fino estylete:

Sobre a cintura a mão esquerda posta
Como na arena athleta furibundo;
Dobrando-se á feição de uma lagosta
Parecia engolir já meio mundo!

Na mão direita em riste horrivel cana
Que triumphou em mais de uma victoria,
Tal era o semi-deus, o rei banana
Que de Achilles tomou o nome e a gloria:

Como nunca se viu. Cometa enorme
A dançar uma polka, arremettendo
Ora a um ora a outro circunstante.
Depois quedava como um par que espera
Para romper, pelo signal da orchestra.
Trez vezes veio ao ceu este prodigio,
E sempre em nossos animos que susto!

N'essa postura marciano-tragica
Que todos vós por certo comprehendeis
Achilles ergue a voz terrivel, magica,
E d'est'arte discursa ante Briseis:

—Este braço robusto e guedelhudo,
Esta espada de cana e arnez de palha
Vale mais de que um throno, vale tudo...
O proprio Marte a mim não me atrapalha!

Matei mil perdigotos n'um só dia,
Junto aos muros de Troia armei buizes
De Heitor me fui atraz que me fugia
Como fojem dos cães leves perdizes.

Já vês que sou heroe! Esta gualdrapa
Do meu cavallo ardego vale tanto
Que de presente a dera a Venus guapa
Se a não guardara para ser teu manto.

Á ultima correu, transpoz o espaço
Té no occidente se occultar. Nós vimol-o
E trememos de horror. Eis que começa
De espalhar-se entre o povo que propinquos
Vinham homens armados, bellicosos,
Sobre Troia pacifica. Pasmámos
E não sei quantos logo ali morreram!

Pede por boca, dize quanto queres
Que eu deponha a teus pés, se ainda é pouco
Engeitar uma cohorte de mulheres
Só por servir-te com amor de louco—

—«Como pagar-lhe tanto amor, se vejo
Que nada sou, permitta-me que eu possa
Siquer beijar-lhe os pés...» E ao dar-lhe o bejo
Trincou-lhe o calcanhar a ingrata moça!

Assim morreu o heroe de altas façanhas
Aos perfurantes dentes de uma ingrata!
E d'est'arte da fabula as patranhas
N'estes versos emendo e deixo a errata.»

E n'isto as azas do nariz afilla
E sobre os evangelhos jura o frade
Fazer tremer na tripode a sibylla
Regenerar a historia e a humanidade.

Meu pae, homem de calculo, avisado,
Como soldado velho, participa
Ao sacristão que faça um milhão de hostias
A fim de que aos feridos não faleça
Na hora da morte o espiritual auxilio,
Em quanto ao cura recommenda e pede
Que esteja prompto para ao signal dado
Surgir de cruz alçada ante o inimigo
Como é costume, quando o caso aperta.
E ao povo congregado incita ás armas
Em defeza da patria e das adegas!

Eram no reino entrados os Francezes,
Contava eu poucos annos, e comtudo
Juro que não tremi! Qual outro Annibal
Puz minhas mãos nas sacrosanctas aras
E jurei de meu pae nas alvas barbas
De expulsar o francez. Não foi preciso
Primeiro elles fugiram. Foi o caso,
Que os inimigos não estavam longe;
O povo em armas aguardando a hora
Tremenda do combate; eil-os que avançam!
Lá se ouviu a distancia uma descarga!...
Meu pae soltou então um grito horrivel,
E caíu fulminado! morte estupida!

Morreu de medo o miserando velho!
Vá pelos manes de meu pae, bebamos,
E que por lá sem nós Deus o conserve!»

«Ao pae do nosso amigo, todos, todos.»
E longamente os echos ulularam!

VII

«Morreu de medo o miserando velho!
O exercito servil, mal viu o chefe
Estirado no chão, largou as armas
E Troia ficou, só, entregue ás iras
Do bellicoso Marte. Orphão, sósinho,
Vi-os fugir a todos e de bruços
A chorar me fiquei juncto ao cadaver
Do martyr patriota. Os inimigos
Viram tudo por certo e tão covardes
Houveram das paredes medo aos ratos,
Lançaram fogo ás casas! e á pilhagem
Todos se lançam, como cães famintos!
Já Troia vem ruindo e os altos tectos
No turbilhão se envolvem; era noite!
Dos incendios á luz viram um velho
Já cadaver e ao pé uma creança,

E houveram dó, ergueram-me da terra
E me disseram—onde foi tua casa?—
—Foi além onde as chammas não tocaram—
Sem tremer respondi: e como galgos
Correram todos lá, fui-os seguindo.
Dirigiram-se á adega e sem mais tir-te
A torneira desandam e das pipas
Ó Deuses vingadores! todo o vinho
Por ahi se esvasiou, em quanto sobem
Aos andares de cima e tudo roubam
Estragam, esfacelam, incendeiam!»

VIII

«Mas eu pobre innocente inda vivia
Para vingar-me dos ladrões innumeros!
Todos saíram, fiquei só ás portas
Eu testemunha de tamanho estrago!
Dos incendios restava um quarto apenas.
Corri precipitado—achei o cofre
Arrombado e no chão! Tão só ficára,
Talvez por não ser vista, esta menina
Bifronte como Jano, hostia sublime,
Esta peça que vêdes, este nume
Que não tem nome, que á feição lhe quadre,

Mas tem por templo o coração e o mundo
E por fieis os homens, quantos vivem
De polo a polo, do oriente ao oeste.
Farejei, quanto pude no recinto;
Foi tudo embalde, esta riqueza unica,
Unica me restava, e Troia em ruinas!»

IX

«Que fazer? Pelas sombras defendido
Atravessei as ruas e precipite
Pude salvar-me do inimigo fero.
Salvei a vida, mas ó caso grave!
De a conservar os meios me falecem!
Valeu-me d'esta vez a minha astucia,
Que, em bem o diga, sempre me ha valido.
Caminhei longes terras, vi miserias,
E muitas mais provei, provei a fome,
Ao relento dormi, sem hospedagem,
Peregrinei nos trages de mendigo,
E vivi das migalhas, que sobravam
Sob a mesa dos ricos. Mendigando...
Que officio que não é! a caridade
Matou-me a fome, enriqueceu-me a bolsa
E pude emfim dizer na ultima porta:

—Os andrajos de pobre aqui os deixo,
Outros virão que sobre si os lancem.
Não mais esmolarei, basta, sou rico!—

Sabeis o resto, desde então fui poeta,
Amei os livros, e de entre as mulheres
A da minha eleição foi sómente esta,
Pela saude d'ella, vá, bebamos...»

E longamente os echos ulularam
Estrepitosos roncos. «Vá, bebamos.»

X

«Uma saude a Bonifacio (accode
D'ali um velho que saboreava ainda
Um calix especial, occulto mimo
Do generoso moço) uma saude
Ao excellente culinario peço.»

Todos á uma se levantam, menos
Paulino Segisberto, que entre-abrindo
Os já pequenos, já mortiços olhos
Roquejando se fica:

«A Bonifacio!

A um vil que não tem pae que possa vêr-se
Nem dizer-se entre honrados! ao criado
Que me varre a lareira e engraixa as botas!
A quem eu devo... minto! eu nada devo,
Pago com meu dinheiro a quem me serve!
A Bonifacio! ao pobretão mesquinho
Que nem sangue nem oiro recommendam,
Brindes não os consinto á minha mesa!
E tenho dicto...»

Aqui todos se sentam.
Corrido Bonifacio se retira.
Reata-se o alvoroto. O applauso cresce.
As saudes renovam-se e crescendo
Uns para os outros, meneando as taças,
Dançam e riem, gritam, estonteam,
Em magna confusão. Pedem mais vinho
E o vinho já lhes cáe pelos cambados
Das bajulentas, retorcidas bocas.
Assim repletos pelo chão se estiram
Inertes, cadavericos. Dois ficam,
Dois só, em pé no campo da batalha,
Incolumes—Mathilde e Bonifacio.

CANTO DECIMO

CANTO DECIMO

I

N'este final empenho a voz cançada
De rouquejar pelas florestas virgens
D'uma ingrata poesia, e já sem força
O braço inerte sobre as cordas bambas,
Tudo me diz que pare. Galopando
Pelas encostas do Heliconio monte
Á redea solta o Pegaso desfila.
As brincalhonas musas de despeito
Vão pelas grutas esconder-se trepidas.
Como Aristeu inconsolavel, deixam-me
Mais triste do que a noite, á sombra posto
Dos lugubres chorões que um dia viram
Cantar Diniz, de Lara as aventuras.
Mas já que a ponto vim de dizer como

De Paulino os amores se passaram,
De Fr. Matheus a indole e as perfidias
Por mão do proprio filho castigadas,
—A paes ingratos escarmento e exemplo!
Ora da lyra os sons ultimos tiro
E de Paulino o derradeiro trance,
De Bonifacio a insolita vingança,
E de mathilde o refalsado affecto
Celebro e envio ás gerações do mundo!

II

Tereis examinado á luz do dia
D'uma taberna o misero espectaculo
Ao fim de bacchanal: restos immundos
De dissoluta orgia dispersados
Aqui, ali, além, n'um torvelinho,
Tudo em desordem, nauseas provocando;
Tal era a sala, que hontem vos disseram
Fazer inveja á côrte mais luzida!

Ao tripudiar festivo, ao vinho, ao jogo
Succedeu o silencio, o tedio, o nojo.
Em vão estendo os olhos, não aponta
Áquellas portas alma viva. Espanta-me

Tão repentina successão de quadro!
Os virentes florões que hontem do tecto
Por entre os lustres serpenteando vinham,
Eil-os no pavimento ressequidos,
Rosas de um dia! Da janella aberta
Solitaria cortina se balança
Na aza da viração, como um cadaver
De ignorado suicida ali suspenso.
Desalinhada mesa ainda posta,
Memorando tropheu de extincta gloria,
Não tem um só conviva! Pelas salas
Nem já um echo, nem um grito estronda!

III

Vae aclarando a luz, já o sol vence
A dubia treva e pelas portas entra,
Os penetraes confiado devassando.
De sob a mesa um vulto vem crescendo
A articular uns sons, e a abrir uns olhos,
Como de quem de um pesadello accorda.
Escancara-lhe a boca horrivel grito,
Como se um toiro dentro d'elle urrasse!
Pasma de se vêr só; amigos busca;
Por Bonifacio e por Mathilde clama;

Responderam-lhe os echos.—Já na Egreja
Á sacra cerimonia preparados
Esperando estarão que chegue o noivo?!
Este era o dia destinado aos ritos
Prescriptos pela Egreja. Mas deixarem-n'o
N'aquelle estado... horrivel desamparo!
Uma traição, quem sabe?—Estonteado
Precipite ao seu quarto Segisberto
Corre. Vê um papel. Recua. Pasma!
Por Bonifacio as letras são firmadas.
Com os olhos as lê; não lê, devora-as:

«Quem não tem pae, nem oiro, nem familia
Porque familia, pae e oiro lhe negam,
Já hoje tem familia e oiro lhe sobra
Porque os teus cofres arrombou. Aquella,
Por quem morrias e a quem não lograste,
Comigo se vae rindo do usurario
Que por dinheiro quiz comprar amores!
Chegou o tempo da igualdade, o *escravo*
Esse que as botas te engraixava, vinga-se
Do seu algoz, roubando-o. Já que pobre
Perante um argentario não fui homem,
Sendo ladrão talvez honrado seja!...
Até que emfim sou rico! Adeus, Paulino.»

Percebeu tudo. Era profundo o golpe!
Quiz suster-se e não poude. Fulminado
Baqueou no pavimento. sem sentidos!

IV

Esgota as fezes derradeiras, martyr!
Essa que te jurou amor eterno,
E a quem do fundo da alma idolatraste,
Perdestel-a, perdeu-te, essa roubou-te!
Nos amplos gavetões, nos ferreos cofres
Nem um ceitil ficou! Hoje és um pobre
E o Bonifacio é rico! Assim se extinguem
As fortunas da terra, amor, e gloria!

Mas é ser pobre o não possuir dinheiro?
Mentem os que tal dizem. Dignidade,
Altivez de caracter, nobre orgulho,
Intelligencia e amor, virtude e crenças,
Esta a riqueza, unica do homem,
Estes os bens que eu mais no mundo affago.
Assim, eu te lamento, Bonifacio!

V

Deixar na tela em traços indeleveis
O desespero, a raiva, o odio, as lagrimas
Do meu heroe no lastimoso trance,
Empenho é este inutil e impossivel!
Novo Laucoonte as infernaes serpentes
Da cholera nos seios se lhe enroscam
E a alma lhe laceram! De joelhos
Trez dias e trez noites supplicante
Rogos inuteis ergue ao ceu, continuo.
Em vão a Deus implora que lhe inspire
Meio de rehaver seus bens perdidos;
Tudo baldado foi! O proprio estomago,
Esse indomavel rei do immundo reino,
Guerra de morte lhe declara. A fome
Começa de grudar-lhe ás magras costas
As despejadas tripas. Apagando-se
Os olhos se lhe somem, como lampadas
No fundo de uma gruta esmorecendo.
Que falta ao sacrificio? Então se lembra
Que uma peça no bolço lhe demora.
Ir trocal-a é salvar-se...

«Oh! sacrilegio!

(Murmura na hora extrema o vil agiota)
Quero morrer de fome, na miseria...
Mas trocar-te e perder-te, nunca, nunca!»

Estranha convulsão a voz carpida
Vem tomar de improviso! Expira á fome!

Tal foi do avaro a sorte miseranda!

POST-SCRIPTUM

Depositâmos hoje nas mãos do publico um livro de mais algum folego do que os até agora por nós publicados. *A Hostia de oiro* pretende continuar na litteratura contemporanea as boas tradições do poema heroi-comico tão felizmente auspiciadas em Portugal pelo *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva, e tão indevidamente interrompidas até hoje pelos timoneiros das boas letras nacionaes.

Porque não havemos de agora ir chamar poemas heroi-comicos ao *Reino da estupidez,* aos *Burros* de José Agostinho e quejandas escurrilidades; bem como se tornam indignas do nome tão sublimado por Diniz, Boileau,

Pope e Tassoni, a maioria das chocarrices que por ahi circulam com o nome de parodias burlescas.

O poema heroi-comico, desenvolvendo-se nos limites da decencia, não representa um quadro repugnante. A sua gargalhada não é a do nescio que mal sabe de que zomba, nem a do sceptico descontente, a quem tudo aborrece; mas a do apostolo cujos labios emitem relampagos, cuja voz troveja, cuja gargalhada fulmina. É uma tempestade moral que transcorrendo a atmosphera a purifica.

Não sabemos se na *Hostia de oiro* realisámos o ideal do genero comico, concebemol-o d'aquelle modo.

Quando intentámos fazer este livro alguem nos aconselhou que tal não fizessemos, advertindo-nos de que o genero era improprio da seriedade do seculo e da philosophia que ora começa de influenciar nas artes e mormente na poesia; e accrescentava que taes poemas pela sua levesa de assumpto e pelo brincado, a bem dizer, phosphorecente de sua forma, não poderiam resistir á critica moderna, tendo por isso de perecer breve. Não seguimos o

conselho, porque ainda hoje, como então, é opinião nossa profundamente arreigada que o poema heroi-comico a não se extraviar do seu fim social e litterario, ou artistico, ha-de prestar tanto como os de mais generos de poesia.

Ao espirito humano é tão necessaria a gargalhada, como a lagrima; muitos vicios devastam as sociedades, que antes requerem o remedio energico da satyra ou a vehemencia do ridiculo, do que o paliativo contemporisador da commiseração.

Pois não é verdade que a gargalhada ha-de existir sempre em quanto viverem homens? Pois não é verdade que de tempos a tempos estrondam esses terramotos que teem o poder de destruir uma fórma social incompativel com o desenvolvimento do espirito humano?

Ainda cremos que teve muitissima rasão o nosso bom amigo D. Emilio Castelar quando escreveu a respeito dos homens destinados pela providencia para fulminarem uma instituição obnoxia:

«Genios d'esta ordem são raros, e só ap-

parecem quando teem o destino de destruir uma sociedade para que dê passagem a outra mais progressiva. As gargalhadas d'estes homens são como o ruido da tempestade, que vem purificar a atmosphera moral. Suas graças são como o raio, que ora fulmina a azinheira abrigo das aves do ceo, ora a cupula das egrejas. O certo é que sempre que tem sido necessario destruir uma fórma social tem surgido um d'esses homens; Aristophanes ao finalisar a Grecia; Luciano ao finalisar Roma; Boccacio ao finalisar a primeira metade, a metade theocratica dos seculos medios; Cervantes ao finalisarem-me os tempos cavalheirescos; Voltaire ao finalisar a sociedade de nossos paes.»

Gargalhadas assim concebem-se e são necessarias e mais valem do que as prelecções de um philosopho. Em quanto o poema heroi-comico fôr uma de suas multiplices manifestações, asseguramos-lhe longos annos de vida.

Por amor das idéas que temos a respeito da influencia social da litteratura de hoje, nos saíu o nosso poema muito mais sisudo do que

mandam as leis do genero. Se por isso desmerecer, paciencia. Não podemos acabar comnosco que nos deixassemos zombetear continuamente; primo, porque esta especie de poema não é uma frivolidade, antes uma reprehensão severa e como que um grito formidavel contra os vicios que intenta combater; secundo, porque circumstancias tristes accumuladas em nossa vida, na conjuncção de se escrever este livro, nos encheram a alma do lucto da viuvez, e, sabem-no todos, não é com as lagrimas nos olhos que se escrevem as galanterias de Diniz.

Descendo agora ás idéas do nosso livro, declarâmos que foi nosso intento combater principalmente o vicio da avareza personalisado em Paulino Segisberto, que se nos affigurou nas sociedades modernas um typo obnoxio, condemnado pela economia que permittindo a usura reprova o monopolio, e pela caridade christã, que manda repartir pelos necessitados as sobras dos nossos haveres.

Bem sabemos nós que os Euclioes de todos os tempos estão convenientemente objurgados entre outros pelo maior poeta pscyco-

logo do mundo, Shakespiare, no magnifico typo do Shylock, e pelo primeiro poeta comico de França, Moliere, no bem caracterisado Harpagão, mas será isso motivo para deixarmos bracejar a hydra que de dia para dia vae tomando proporções aterradoras? Uma verdade nunca perdeu por muito repetida, quanto mais que nos não soccorremos a ninguem para o desenho de nossa idéa.

Até na fórma desejámos fugir do *Hyssope* de Diniz, por nos parecer por vezes escurril ou pelo menos plebea, não falando da idéa capital e contextura aqui e além bebida no *Lutrin* de Boileau, victima de todos os defeitos do classicismo, se bem que o Sr. Lima Leitão se desbarrete diante da *Estante do côro* (que traduziu), julgando esta obra o *non plus ultra* no genero joco-serio e muito superior á *Secchia Rapita* de Tassoni e não sei se ao poema de Pope *The raped lock*.

Não sendo, porém, de nossa competencia confrontar a *Hostia de oiro* com esses primores de gloriosa fama, ante quem a nossa modestia e humildade nos fazem desmaiar, declaramos que muito de proposito não locali-

sámos a acção, porque sendo ella commum a todos os povos, erro grande seria adjudical-a a este, ou áquelle logar.

Sendo este poema escripto defronte das casas onde em outros tempos o Antonio Diniz escreveu o *Hyssope,* como que por influição ou capricho da sorte que dest'arte quiz que na cidade d'Elvas e quasi no mesmo domicilio se inspirassem e se escrevessem os dois poemas heroi-comicos que hoje possue a litteratura d'estes reinos, não quizemos que esta terra, nossa hospedeira, visse allusões pessoaes, onde as não havia. As feridas abertas pela mordacidade de Diniz no coração dos Laras e dos Fernandes estão ainda gotejando sangue de fresco, para que intentassemos nós abril-as de novo. Os Paulinos não são de Elvas, de Coimbra, de Paris, de Roma, ou de Londres, são universaes. Desejamos combater vicios, que não pessoas. Entendamo-nos bem.

Outro sim precisamos previnir censuras que nos poderiam vir do que dissemos a respeito de Fr. Matheus, indigno representante da religião purissima do Crucificado, e prin-

cipalmente do que avançámos a pag. 120 e 121:

«O vosso imperio, bandoleiros padres,
Libertinos do altar, sacras harpias,
Vae acabar emfim! O povo se ergue
De cruz alçada contra os vis hypocritas
Que o jejum pregam, a estoirar de fartos.»

Descrevendo o caracter ignobil de Fr. Matheus, que para seus fins criminosos se servia da religião como de um instrumento de suas más paixões, só quizemos levantar voz contra a hypocrisia dos que se acobertam com os habitos sacerdotaes para devassar e prostituir as familias, e não contra a religião de Jesus Christo em que fomos educados por nossos paes; por quem temos sincero respeito; e a quem não imputamos a responsabilidade que só pertence áquelles que se dizem seus representantes.

Fazemos aqui esta nossa profissão de fé religiosa, por quanto a nossa humilde pessoa

tem sido por vezes alvo da calumnia de meia duzia de santonistas, que poderão ser tudo, menos bons christãos.

Porque um dia tivemos a franqueza de defender a liberdade da Egreja em nome dos principios democraticos e em nome da mesma Religião que abrigamos em nossa consciencia, porque um dia pugnámos pela independente separação do Estado e da Egreja, n'um prologo que tivemos a honra de escrever a um livro do Sr. Castelar, accudiu logo a imprensa neo-catholica de Portugal (a que não respondemos, saiba-se para nossa honra) cobrindo-nos de improperios e calumniando-nos com os nomes de assalariado, de protestante, de saintsimoniano e não sabemos de que mais, quando por mais de uma vez temos declarado que nos enjoa o protestantismo que nem systema é, quanto mais religião, e por nossos actos temos mostrado mais obediencia ás leis da Egreja e ás de Deus do que esses que se ufanam de catholicos!

A pureza de nossas idéas religiosas claramente inculcámos a pag. 121 nos versos seguintes:

De Deus a religião pura e sanctissima
Dos ceus a caridade, a fé e a esperança,
De Deus tudo queremos, de vós nada.

Cremos que não dissemos metade do que deviamos, do miseravel estado a que por influencia de alguns traficantes desceu em nossos dias a religião augusta do filho de Deus.

Se escrevemos com mais liberdade as scenas voluptuosas representadas por Fr. Matheus, é porque entendemos que assim era preciso para completar a feição moral de similhante typo. Ainda que mais lascivo é o *Cantico dos Canticos* e todavia é este um livro canonico que demora aos pés do Christo no sanctuario das familias; mais lascivo é o canto 5.º da Eneida e todavia nem Santo Antonio livraria Virgilio de uma canonisação se a Deus aprouvesse fazel-o nascer alguns annos depois; mais lascivos são o Camões, o Telemaco de Fenelon, o Horacio e o Ovidio e todavia lêem-se nas escholas da infancia; etc. Tambem, força é confessal-o, não são os auctores mais licenciosos em seus livros os

mais libertinos em seus actos; mais de recear é a hypocrisia, em cuja boca se anda gastando e renovando continuamente o santissimo nome de Deus. D'esta é que é o fugir.

Emfim desejosos de combater o estado da cleresia actual, que está requerendo uma immediata e energica reforma ecclesiastica, doendo-nos profundamente a autocracia iniqua dos argentarios e pugnando pela emancipação dos escravos do privilegio, não intentámos defender o roubo de Bonifacio, nem mesmo o admittimos. Demos ao nosso poema aquelle desfecho por nos parecer logico, e para mostrar até que ponto de depravação póde chegar um homem a quem a sociedade desherdou ou considerou escravo. O roubo é o maior castigo de um avarento. O usurario deve morrer á fome por não trocar uma libra!

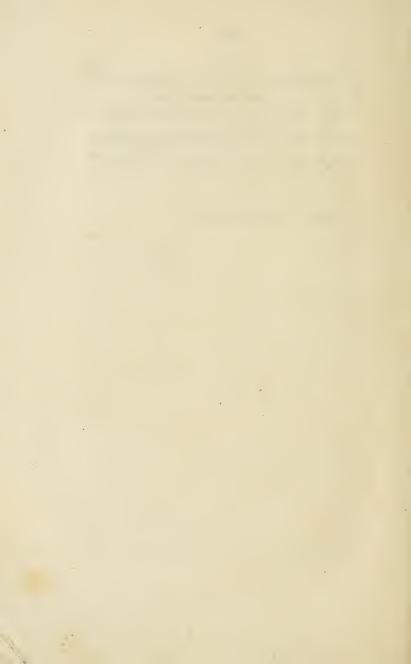
Não havemos de fechar estas linhas sem pagar uma divida de gratidão que de ha muito nos anda pesando na consciencia. *O Mundo interior* (2.ª edição) e a *Coroa de amores,* livros de modestas aspirações, foram recebidos por nossos amigos com tão distincta benevolencia que seria agora ingrata descortesia

não agradecer publicamente a todos aquelles nossos collegas e amigos que já em publico, já particularmente por via de cartas, nos honraram com os seus benevolos conselhos e obsequiosos emboras. Menos por orgulho que por gratidão devemos memorar n'esta pagina os nomes dos Ex.^{mos} Srs. Alvaro do Carvalhal, D. Antonio da Costa, A. F. de Castilho, Antonio Rodrigues Xavier Cordeiro, Azevedo Prado, Candido de Figueiredo, D. Emilio Castelar, Eduardo Coelho, E. Vidal, Germano Meyrelles, Henrique d'Andrade, D. Joaquim Benigno Martinez, José Estevão de Moraes Sarmento, J. Dubraz, J. J. Lopes Praça, Innocencio Francisco da Silva, J. M. d'Andrade Ferreira, José Silvestre Ribeiro, João Penha, Mendes Leal, Pinheiro Chagas, Rodrigo Velloso e outros a quem mais ou menos devemos o modestissimo nome de que vamos gosando. Aos nossos amigos Manoel Pinheiro Chagas, Candido de Figueiredo e Antonio Feliciano de Castilho deixamos em separado um publico testemunho de nossa admiração pelos seus talentos, em quanto não testemunhamos nossos sentimentos de agradecida acquiescen-

cia emendando em ulteriores edições, aquelles pontos, de que nos advertiram.

Parar em meio do caminho para saudar aquelles que á beira da estrada nos estão cortejando, não é só delicadeza, é tambem um dever.

Elvas—Outubro de 1869.

J. SIMÕES DIAS.

ERRATAS

PAG.	VERSOS	
15	5	*Cléops* por *Chéops*,
17	9	*Indomita* por *indomito*
39	21	*ao* por *aos*
48	4	*Esqueça então* por *Esquecei pois*,
60	23	*enrique* por *enriquece*
84	19	*alverco* por *laverco*
99	6	*prostam* por *prostram*
105	17 e 18	*as* por *os*
133	2	*fulminas-te* por *fulminaste*,

A intelligencia do leitor supprirá outros erros de menos monta, como estes:—*attira* por *atira* — *prespectiva* por *perspectiva* — *mathilde* por *Mathilde* — *presto.* por *presto,* — *Ninphas* por *Nymphas* — *circundada* por *circumdada*— *falvez* por *talvez*; etc.

VARIAS OBRAS

De J. Simões Dias

O MUNDO INTERIOR (poesia lyrica) 2.ª edição esgotada, 1 vol.
COROA DE AMORES (romances) 1 vol..... 400
A HOSTIA DE OIRO (poema heroi-comico em dez cantos), 1 vol.............. 400
AS PENINSULARES (canções meridionaes) no prelo, 1 vol.
ESTUDOS DE LITTERATURA HESPANHOLA CONTEMPORANEA (no prelo), 1 vol.

De Henrique d'Andrade

CARTAS A UM BISPO (traducção) 1 vol... 200
O ORPHÃO NA FAMILIA (romance social) em via de publicação.

De Candido de Figueiredo

QUADROS CAMBIANTES (poesia lyrica).... 500
ANJO MARTYR (poema lyrico).......... 240

De J. J. Lopes Praça

HISTORIA DA PHILOSOPHIA EM PORTUGAL, 1 vol............................ 700
O PADROADO PORTUGUEZ, 1 vol......... 600

De J. Dubraz

RECORDAÇÕES DOS ULTIMOS QUARENTA ANNOS, 1 vol......................... 600
Está no prelo a 2.ª edição.